

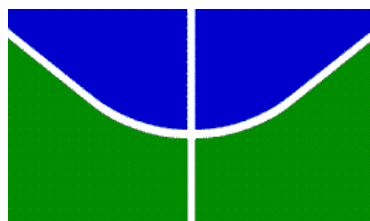
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

LUANA ALMEIDA DE ANDRADE

**REFLEXÕES SOBRE O PROJETO ACADÊMICO DO CURSO DE
PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA: RELATO DE
EXPERIÊNCIA EM SANTA MARIA**

BRASÍLIA, JULHO DE 2014.



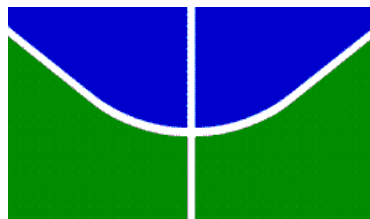
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

LUANA ALMEIDA DE ANDRADE

**REFLEXÕES SOBRE O PROJETO ACADÊMICO DO CURSO DE
PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA: RELATO DE
EXPERIÊNCIA EM SANTA MARIA**

BRASÍLIA, JULHO DE 2014.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

LUANA ALMEIDA DE ANDRADE

**REFLEXÕES SOBRE O PROJETO ACADÊMICO DO CURSO DE
PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA: RELATO DE
EXPERIÊNCIA EM SANTA MARIA**

Trabalho final de conclusão de curso apresentado, como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciado em Pedagogia, à banca examinadora da Faculdade de Educação, da Universidade de Brasília sob orientação da Professora Dra. Sônia Marise Salles Carvalho.

BRASÍLIA, JULHO DE 2014.

**REFLEXÕES SOBRE O PROJETO ACADÊMICO DO CURSO DE
PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA: RELATO DE
EXPERIÊNCIA EM SANTA MARIA**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Sônia Marise Salles Carvalho.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Dra. Sônia Marise Salles Carvalho (orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. Paulo Sérgio de Andrade Bareicha

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Me. Thiago Magalhães Pereira de Souza

Universidade de Brasília

BRASÍLIA, JULHO DE 2014

"Não há saber mais, nem saber menos, há saberes diferentes".

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por estar sempre presente na minha família e ter me dado grandes conquistas.

Agradeço a minha mãe e ao meu pai, por sempre me incentivar a estudar, e estarem sempre dispostos a me ajudar e me apoiar nas minhas dificuldades e que sempre se preocuparam e cuidaram da minha alimentação e da minha saúde física e mental durante essa etapa da minha vida.

Agradeço ao meu noivo Rômulo, que mesmo estando longe nessa minha etapa da vida (Vitória da Conquista - BA), sempre esteve ao meu lado me apoiando e sempre disposto a me ouvir e me dar conselhos.

Agradeço aos meus irmãos, Lucas e Laiane, por ouvir todas as minhas histórias sempre que eu chegava das aulas e serem sempre meus companheiros.

Agradeço a minha professora orientadora Sônia Marise por dedicar um pouco do seu tempo corrido para orientar meu trabalho final do curso de Pedagogia e por me proporcionar as experiências que passei durante os projetos que realizei na Associação Atlética de Santa Maria, numa perspectiva da Economia Solidária.

ANDRADE, Luana Almeida de. Título. Brasília – DF. Universidade de Brasília/Faculdade de Educação (Trabalho de conclusão de curso), 2014.

RESUMO

Este trabalho é uma reflexão das atividades desenvolvidas nos Projetos 3 e 4 de Economia Solidária, trazendo um breve histórico do curso de Pedagogia no Brasil, e o currículo de Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, destacando o campo dos projetos, que levaram à prática realizada na Associação Atlética de Santa Maria, um projeto baseado nos princípios da Economia Solidária e na Educação Popular. O trabalho visa apresentar a importância dos projetos para uma formação teórico-prática, baseada em atividades pedagógicas, para uma sociedade mais justa, baseadas nos princípios de autogestão, viabilidade econômica, solidariedade e cooperação, com o planejamento de metas, atividades e estratégias para a comunidade, relacionando o currículo às minhas práticas pedagógicas. O objetivo principal da Associação é tirar as crianças das ruas e evitar possíveis contatos com o mundo das drogas e da violência através de atividades esportivas, culturais, de lazer e de cursos profissionalizantes.

Palavras chave: Pedagogia. Currículo. Projetos. Economia Solidária. Educação Popular.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
PARTE I - MEMORIAL	11
PARTE II	21
PRIMEIRO CAPÍTULO - HISTÓRIA DA PEDAGOGIA NO BRASIL	22
SEGUNDO CAPÍTULO - REFLEXÕES SOBRE O CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	31
1.1 O CURSO DE PEDAGOGIA NA UNB: PROJETO ACADÊMICO DO CURSO DE PEDAGOGIA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.....	32
TERCEIRO CAPITULO – IMPORTÂNCIA DA EXPERIÊNCIA NO CAMPO DE PROJETOS PARA A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO	42
3.1 SOBRE O LOCAL DA PESQUISA	43
3.2 SOBRE A PESQUISA	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
PARTE III	58
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	59
ANEXOS	60
REFERÊNCIAS	66

APRESENTAÇÃO

Ao longo dos semestres no projeto, aprofundei mais os meus estudos sobre a Economia Solidária e pude participar e ver na prática como funciona um trabalho com a Economia Solidária, e ver a realidade e as dificuldades que a comunidade enfrenta com suas crianças, mulheres, o uso de drogas, doenças, desemprego, violência e outros.

Por fazer parte do atual currículo do curso de Pedagogia, que apresentam projetos de prática educativa, aliando a teoria à prática. Os projetos me levaram a querer desenvolver esse Trabalho Final de Curso por meio de minhas experiências no projeto de Economia Solidária, e fazer uma análise do currículo e dos projetos que me deram a possibilidade de uma experiência pedagógica para ajudar uma comunidade que trabalha com a educação e sonhos de crianças, jovens e adultos.

Este trabalho busca aprofundar os conhecimentos acerca do curso de Pedagogia e o atual currículo do curso na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, com enfoque no campo dos projetos, e a importância que os Projetos 3 e 4, de prática pedagógica, me proporcionaram para a minha prática no projeto de Economia Solidária, em Santa Maria.

O trabalho é resultado de saídas de campo e a experiência e socialização na comunidade de Santa Maria, na ONG da Associação Atlética de Santa Maria, com a produção de diário de bordo e leituras recomendadas pela professora Sônia Marise.

O nosso trabalho na ONG era realizado através de planejamento de estratégias, metas, atividades e ações, que eram pensadas e realizadas sempre com a presença dos participantes frequentes da comunidade.

O trabalho está dividido em três partes, a primeira parte é o memorial de toda a minha trajetória de vida e vida escolar, desde meu nascimento e infância até a minha entrada no curso de Pedagogia da UnB e o meu percurso na Faculdade de Educação, e principalmente nos projetos acadêmicos do curso.

A segunda parte está dividida em três capítulos, o primeiro capítulo traz um breve histórico da Pedagogia no Brasil e as diretrizes curriculares do curso.

O segundo capítulo irá trazer uma contextualização sobre o projeto político pedagógico e o projeto acadêmico do curso de pedagogia. Também irá abordar sobre o currículo de Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, destacando-se o campo dos projetos.

O último capítulo trará as minhas experiências nos Projetos 3 e 4, apresentando as ações, planejamento, ideias e atividades efetivadas durante os semestres de atividades na ONG, sem aprofundar no estudo sobre Economia Solidária e Educação Popular, apenas destacando algumas características e princípios da Economia Solidária e Educação Popular que conseguimos realizar na Associação Atlética de Santa Maria,

O trabalho se encerra com conclusões sobre a importância dos projetos para a prática do futuro pedagogo, não só em ambiente escolar, mas uma prática com fins educativos, trabalhando a solidariedade, cooperação, ética, responsabilidade, dádiva, entre outros e a terceira e última parte trazendo as minhas perspectivas profissionais futuras.

PARTE I
MEMORIAL

NASCIMENTO E INFÂNCIA

Sou Luana Almeida de Andrade, nasci na cidade de Niterói no Rio de Janeiro, em 21 de dezembro de 1991. Sou filha do militar cearense Antônio Anastácio, mas que está aposentado por motivo de doença, e da enfermeira baiana Luciene Rocha. Meu nome foi escolhido através dos nomes dos meus pais, o **LU** de Luciene e **ANA** de Anastácio deram origem ao meu nome, Luana.

Minha mãe quando jovem já trabalhou em casa de família e terminou o seu ensino médio ao mesmo tempo em que trabalhava. Quando jovem fez o curso de técnico de enfermagem, já chegou a trabalhar em alguns hospitais no Rio de Janeiro e hoje ela trabalha como técnica de enfermagem, no Hospital das Forças Armadas, em Brasília.

Meu pai terminou seu ensino médio no ano de 1983, entrou para Marinha do Brasil no ano 1978, e em 2002, em Brasília, terminou sua graduação em Pedagogia, na UDF, com especialização em Administração Escolar.

Como minha mãe e meu pai trabalhavam muito, eles contavam com a ajuda de amigos e parentes para tomar conta de mim.

Sempre gostei muito de brincar e ficar até tarde embaixo do prédio que morava no Rio de Janeiro, gostava muito de andar de bicicleta, e até já tomei uns bons tombos. Eu tinha muitos amigos, e entre eles havia uma prima que morava no mesmo prédio que o meu, então sempre fomos muito unidas e passamos nossa infância praticamente todas juntas, fazíamos festa para as bonecas e chamávamos as outras crianças vizinhas, colocávamos fantasias no carnaval e íamos brincar, inventávamos muitas brincadeiras.

Foi no Rio de Janeiro que comecei a minha vida escolar, em 1995, meu primeiro contato em um ambiente escolar foi aos 3 anos, na creche do SESC, em Niterói. Não me lembro das atividades desenvolvidas nessa época, mas minha mãe me disse que eram apenas atividades de brincadeiras.

Em 1996, aos 4 anos, nos mudamos para o bairro de São Gonçalo, aonde estudei no Colégio Abelhinha e fiz o 2º Período da Pré-Escola, lá lembro da minha primeira festinha de aniversário feita na escola, ainda tenho muitas fotos de recordações. Foi nesse ano, exatamente em 22 de Agosto de 1996, que nasceram meus irmãos, um casal de gêmeos, Lucas

e Laiane. Durante minha infância eu sempre gostava de brincar com eles de dar aulas, ganhei um quadro branco do meu pai e fingia ser professora, eles eram meus alunos.

Fiz o meu 3º período no Colégio Gonçalinho, onde fiquei até os meus 6 anos, em 1997. Em 1998 eu fui para a alfabetização, no colégio São Gonçalo, que fazia parte da mesma rede de colégios do Gonçalinho e no ano seguinte cursei a primeira série nesse mesmo colégio. São poucas as minhas recordações sobre minha infância na vida escolar.

ENSINO FUNDAMENTAL: SÉRIES INICIAIS

Como meu pai é militar fomos transferidos para Brasília em julho de 1999, eu estava na metade do meu ano letivo da primeira série. Chegamos aqui e fomos morar na Asa Norte, e logo fui matriculada na Escola Classe 411 Norte. Nos primeiros dias de aulas a professora percebeu que eu estava bem adiantada em relação à turma, eu já sabia ler e escrever perfeitamente, e os conteúdos vistos pela turma eu já havia estudado na minha escola anterior. A escola resolveu aplicar uma prova para ver se eu poderia passar para a segunda série no meio do ano, fiz uma pequena redação e fui aprovada, do início de 1999 até agosto eu cursava a primeira série, e do meio do ano ao final do ano letivo eu cursei a segunda série, e consegui acompanhar a minha nova turma da segunda série.

Frequentei a Escola Parque da 210 Norte, aonde eu fazia várias atividades relacionadas a artes cênicas e plásticas, a música, a ginástica, a dança e muitas outras áreas. Me identifiquei muito com a ginástica olímpica, tanto que quando fui estudar na Escola Classe 115 Norte, continuei frequentando a Escola Parque e ainda fazia aulas de ginástica olímpica, eu adorava participar das apresentações que fazíamos no auditório para os alunos, amigos, pais e outros parentes. Gostava tanto da ginástica que juntamente com meus colegas de prédio e colegas vizinhos promovíamos apresentações de ginástica olímpica embaixo do prédio e chamávamos todos os vizinhos para assistir.

Na 115 Norte cursei a minha terceira série e me adaptei a escola muito melhor do que na Escola Classe 411 Norte. Lá fiz muitas amizades e me lembro de pular corda e elástico em todos os recreios, eu era uma das melhores, adorava a hora do recreio.

A minha quarta série também foi cursada na Escola Classe 115 Norte, aonde eu já tinha feito muitos amigos na série anterior e que também permaneceram lá no ano seguinte. Minha professora nessa época era a Tia Adélia, uma professora muito rígida e exigente, ela estava substituindo uma outra professora que saíra no início do ano, nós ficamos muito triste com a saída da professora.

Ao longo do ano a professora propôs que durante um tempo quem melhorasse a letra poderia escrever de caneta os cabeçalhos e enunciados dos exercícios, de sala e de casa. Me apliquei muito para melhorar a letra, estava muito confiante e quando chegou a hora de ela falar os nomes que poderiam escrever de caneta, eu estava de fora. Ela ainda disse que eu quase consegui, só precisaria melhorar um pouco mais a minha letra. Fiquei muito decepcionada, eu estava muito confiante que conseguiria.

ENSINO FUNDAMENTAL: SÉRIES FINAIS

Na quinta série fui para a Escola Classe 113 Norte, eu havia faltado o primeiro dia de aula e quando cheguei no segundo dia e peguei meu lápis para escrever o que a professora de Ciências havia passado no quadro, uma colega ao lado me alertou que ali os professores só queriam que usássemos canetas para copiar os assuntos do quadro e as questões de exercícios, lápis apenas para resolver as atividades. Meus olhos até brilharam naquele momento, era tudo que eu queria, estava doida pra poder escrever de caneta na escola. Agora era tudo novidade, escrever de caneta, professores novos, um professor para cada disciplina, alunos novos, teria que me adaptar a tudo.

Sempre fui muito tímida e vergonhosa, mas isso agravou mais ainda quando fui para a sexta série e sétima série. É nessa época que se começam as piadinhas maldosas, as brincadeiras que ofendem, o “bullying”, e eu comecei a sofrer com esse tipo de ofensas e passei a odiar a escola, não gostava de fazer apresentações, de falar em sala, de fazer perguntas, para não ser muito notada.

No ano seguinte mudei para o Cruzeiro Novo e comecei a estudar no Colégio Soma, estudei lá durante dois anos, era uma escola nova, era o primeiro ano de atividades nesse colégio, estudávamos com algumas obras ainda sendo terminadas. Como eu não estava

gostando da escola e queria muito mudar para outra, fui estudar no colégio Minas Gerais, era uma antiga unidade do colégio JK na Asa Norte, que mudou de nome. Lá cursei a oitava série mas meus problemas continuaram, muda-se a escola, mudam-se os professores, mudam-se os alunos, mas o “bullying” continuava o mesmo, por conta de um problema que tenho. A vergonha aumentava e o medo de falar em público ou fazer perguntas em sala também só piorava.

Lembro que a professora de artes cênicas selecionou alguns alunos mais desinibidos e começou a ensaiar uma peça de teatro para a festa junina da escola. A aluna que faria a mãe da noiva desistiu de fazer esse papel, e minhas amigas que estavam no grupo de teatro me pediram para eu a substituir. No começo eu não queria muito, mas fui quase que obrigada a aceitar o convite. Comecei ensaiar as cenas, e sempre tinha um aluno que sempre fazia alguma “piadinha” maldosa, mesmo assim fui em frente e no dia da festa junina apresentamos, foi o maior sucesso, adorei participar de um grupo de teatro.

ENSINO MÉDIO/PAS/VESTIBULAR/CURSINHOS

O meu Ensino Médio cursei no Colégio Ciman, na Octogonal. Agora mais velha e no Ensino Médio a minha vaidade é muito maior e o “bullying” também, passei por um momento que tive acompanhamento psicológico e frequentava a sala da orientadora pedagógica, eu não queria mais fazer apresentações em sala, pois estava sofrendo com muitas piadas e brincadeiras maldosas, passei por isso os três anos do Ensino Médio.

No primeiro ano, tive muita dificuldade para me adaptar ao ensino mais puxado da escola nova, então fiquei em recuperação em Inglês, todos na sala já sabiam muito, já haviam feito cursinho e eu ainda não. No mesmo ano também fiquei em recuperação em física, que também era novidade pra mim, pois havia estudado muito pouco sobre isso na oitava série, e a maioria da turma já tinha visto essa disciplina na série anterior.

Como eu estava com muita dificuldade no inglês senti a necessidade de entrar em um curso de inglês, para me ajudar com os conteúdos da escola. Entrei no cursinho e fiquei dois anos e meio, até a minha entrada na UnB, quando tive que parar para me adaptar à nova rotina.

Fiz muitas amizades no Ensino Médio, algumas duraram os três anos e outras não, eram amizades que passei a sair e a estudar juntos.

Chegando as provas de recuperação eu estudava em casa e fazia aulas particulares para tirar minhas dúvidas, assim consegui ir bem nas provas.

Mesmo com todas as minhas dificuldades em algumas disciplinas, não fiquei em recuperação no terceiro e no segundo ano do Ensino Médio, já havia me adaptado melhor ao colégio.

No terceiro ano começa a pesar ainda mais a pressão sobre passar na UnB, durante todo o Ensino Médio se tocou nesse ponto e eles focaram nossas atividades para o vestibular e o PAS da UnB, haviam simulados que davam pontos extras a quem ficasse entre os 50 melhores do seu ano, e eu sempre ficava nessa lista.

No colégio aconteciam feiras de cursos na escola, vários estudantes de diversos cursos da UnB se organizavam em estandes, e enquanto nós visitávamos cada um deles, eles nos explicavam como era cada curso. O que me chamou atenção foi que só haviam cursos mais visados pela escola, como as engenharias, direito e medicina, não tinha entre esses cursos a pedagogia por exemplo.

Durante o Ensino Médio eu não me focava muito em estudar para passar na UnB, apenas estudava para passar nas disciplinas do colégio. Ao final do ano letivo é que veio cair a ficha do que eu faria nos próximos anos, eu tinha que passar na UnB, pois meus pais já haviam pago um bom colégio no meu Ensino Médio e não iriam pagar uma faculdade particular. Ao final do ano de 2008 veio a formatura, colação de grau, missa e o baile, muita festa, muita comemoração, mas depois vem a preocupação com o vestibular.

Ainda no terceiro ano o colégio montou uma turma com os ditos “melhores alunos” dos terceiros anos, uma turma que teria aulas à tarde, direcionadas ao PAS e ao vestibular da UnB. Poucos foram chamados para compor a turma, eu e alguns amigos ficamos de fora. Quando ficamos sabendo não gostamos nem um pouco de sermos excluídos, já que todos tinham os mesmos direitos. Contamos aos nossos pais, que também não gostaram do que o colégio havia feito, meus pais e os pais de alguns colegas foram à escola para questionar porque só alguns alunos foram selecionados. Como eles não tinham muitas explicações para dar, e não queriam “fazer feio” para os pais, disseram que poderia ter sido um mal entendido,

e que passariam nas salas convidando todos para assistirem as aulas extras. Com isso pude participar das aulas que aconteciam no turno contrário ao meu.

Ao final do ano tentei vestibular e o PAS para Enfermagem, é a área da minha mãe, e eu admirava e gostava bastante do que ela fazia, hoje sei que não é a minha área, não conseguiria lidar com o dia a dia nos hospitais.

Não passei no vestibular e nem no PAS e à partir daí eu precisava estudar e fazer cursinho para entrar na UnB. Entrei em um cursinho e fiz um semestre de aulas, mas também não me dedicava muito aos estudos em casa.

No vestibular do meio do ano novamente eu não passei para o curso de Enfermagem, sendo assim quis dar um tempo de cursinho voltado à UnB e entrei no cursinho para concurso, estudei assuntos que nunca havia visto antes, como direito, contabilidade e arquivologia.

Terminei o cursinho e prestei um concurso para cargo temporário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, para trabalhar no censo de 2010. No início de 2010 eu queria dar algum rumo aos meus estudos e entrar logo na UnB e fiz o vestibular para Pedagogia, e para a minha alegria e alegria da minha família eu recebi o resultado e passei no curso de Pedagogia da UnB. Quando pensávamos que a felicidade não poderia ser maior, eu recebo uma carta me comunicando que passei no concurso do IBGE para o cargo de supervisora censitária.

Trabalhei um ano no IBGE e supervisionava alguns agentes censitários, que são chamados de recenseadores, tive que fazer treinamento para o meu cargo e também dar aulas e treinar uma sala com mais de 30 pessoas que seriam recenseadores.

Era meu primeiro emprego, e eu era a mais nova do grupo, não tinha muita experiência, mas me adaptei rapidamente as minhas atividades.

De início eu não sabia se iria poder trabalhar, pois teria que cumprir meus horários semanais, visto que meu curso na UnB era diurno, mas me deram a oportunidade de tentar e caso não desse certo eu deixaria o trabalho. A partir desse momento passei a conciliar a faculdade com meu novo trabalho. Eu adiantava os meus serviços o máximo para não acumular e não me atrapalhar nas atividades da Universidade.

Como o contrato era temporário, apenas para o censo de 2010, passado um ano as atividades tinham se encerrado e meu trabalho finalizado. Trabalhar foi uma das melhores experiências da minha vida.

PEDAGOGIA NA UNB

Em 2010 entrei no curso de Pedagogia da UnB, primeiro semestre de curso é hora de tirar muitas fotos, fazer novas amizades, conhecer o curso e iniciar minha nova vida acadêmica.

Sempre quando falo que faço o curso de pedagogia já falam logo: - Ah! Vai dar aulas. A maioria não conhece e não sabe a grande área de atuação do pedagogo e quando entrei no curso de pedagogia eu também não tinha uma visão ampla do universo de atuação do pedagogo.

Logo na primeira semana participei do trote, pintaram nossos rostos e fomos pedir dinheiro na rua, foi um sonho realizado, sempre vi os estudantes pintados e felizes e sempre quis passar por essa experiência. Tivemos a ajuda de veteranos que fizeram um tour pela Universidade com a turma, para nos apresentar todos os espaços que a UnB oferece, mas logo no meu primeiro semestre na Universidade a UnB entrou em greve.

Passada a greve começaram as aulas, e no primeiro semestre fiz duas disciplinas muito importantes, Oficina Vivencial e Projeto 1. Uma que me ajudou bastante a me interagir com as outras colegas de curso, a aula de Oficina Vivencial com o professor Armando aonde tinha o momento do lanche, que era feito em todas as aulas e servia pra essa interação entre todos da turma, era muito mais do que apenas um lanche para matar a fome, era um momento de conversa, um momento para nos conhecermos melhor.

No primeiro semestre eu não dava tanta importância ao Projeto 1, ainda não conhecia a dimensão e a importância dos projetos. Mas foi no Projeto 1 que conheci um pouco sobre a Faculdade de Educação da UnB, um pouco sobre a Universidade de Brasília e todas as suas estruturas físicas. O trabalho proposto pelo professor da disciplina, Antônio Fávero, era de visitar toda a universidade e ao nosso olhar apresentar para a turma aquilo que aprendemos, conhecemos e vimos nesse “Tour” pela UnB. E assim no final cada grupo de trabalho

apresentaria seu “olhar” do que foi visto durante suas pesquisas. Muitos grupos tiveram focos muito parecidos de tirar foto das estruturas da UnB, mas outros grupos trouxeram uma visão diferente do que é a Universidade.

Inicialmente meu grupo foi tomando o rumo, de assim como muitos grupos, tirar fotos de toda a UnB, mas quando chegamos à Casa do Estudante Universitário, mais conhecida como CEU, é que conhecemos um ex-aluno do curso de artes plásticas e a partir dali se tornou nosso guia, mudando totalmente o rumo da nossa pesquisa.

Passamos a além de tirar fotos de toda a UnB a conhecer alguns estudantes que moravam por ali e o que eles tinham para falar sobre a sua vida acadêmica na UnB, como era morar ali, como eram alguns apartamentos, a alimentação, e outras coisas. Gravamos tudo com a câmera.

O trabalho nos deu muita alegria, pois era um dos primeiros realizados após nossa entrada na UnB e também por ter ido além de nossas expectativas. Infelizmente no dia da apresentação o áudio para a exibição do vídeo não estava muito bom, então apenas podemos ver as imagens gravadas por nós.

No semestre seguinte as aulas do Projeto 2 foram ministradas pela professora Lívia Borges, o projeto me ajudou a entender a importância do campo dos projetos e como funciona o currículo da Pedagogia. Foi nesse projeto que entendi melhor o que é ser pedagogo, o que é o curso de Pedagogia e os espaços em que diferentes pedagogos atuam, me situando ainda mais sobre o campo de atuação dos pedagogos e a sua formação.

Entendi no Projeto 2 que o curso de Pedagogia não é apenas formação de professores para a docência, mas que abrange várias modalidades, tanto da educação formal, quanto a não formal, tanto no ambiente escolar, quanto em ambiente hospitalar, empresarial, no ramo do turismo, em empresas de formação profissional, órgãos públicos e outros.

Sempre que eu falava que fazia o curso de Pedagogia já me diziam logo que então eu daria aula para crianças. Muitas pessoas ainda acham que o curso de Pedagogia forma professores e professoras das séries iniciais do Ensino Infantil.

Foi no projeto 3, com a professora Sônia Marise que realmente pude ver a importância dos projetos. Entrei no projeto por indicação de uma amiga que também faria o projeto, ela

apenas tinha indicação também de outros alunos. Eu não sabia nem do que se tratava a Economia Solidária e nem sabia como seria o projeto e como ele era organizado.

De início o projeto ainda não havia me conquistado, mas com os depoimentos dos representantes da comunidade, e a partir do momento que começamos a colocar nossas “mãos à obra”, passei a me engajar no projeto e me encantar pelo trabalho, e ver a importância do pedagogo na comunidade para atender às necessidades e demandas, com um olhar diferente sobre o outro.

Os representantes da comunidade, inicialmente, pensavam que estávamos na Associação para ajudar com recursos materiais e financeiros, vendo a UnB como uma grande oportunidade de ajuda financeira.

A proposta do projeto em economia solidária para a Associação em Santa Maria seria uma ajuda do ponto de vista acadêmico e não financeiro, numa perspectiva pedagógica. Atenderíamos as demandas da comunidade com o nosso conhecimento acadêmico.

No Projeto 3 iniciamos um trabalho de revitalização da Associação Atlética de Santa Maria, com os recursos que estavam ao nosso alcance. Com a Associação revitalizada poderíamos agora planejar o nosso trabalho e dividi-los em demandas e cada aluno se identificaria com um grupo e ficaria responsável por desenvolver propostas para ajudar no desenvolvimento da Associação.

No Projeto 4 passei a observar e participar de todas as atividades propostas e oficinas realizadas ao longo dos dois semestres e os mais diferentes trabalhos que nós, futuros pedagogos, realizaríamos ao longo dos semestres. E é esse papel e importância que tivemos para a Associação e a comunidade participante de Santa Maria que me chamou atenção.

Como já havia mencionado, sempre fui questionada se daria aula para crianças, pois na cabeça de quem não conhece as áreas de atuação do pedagogo essa é a única prática existente, mas foi nos projetos de Economia Solidária que passei a ver na prática outras áreas de atuação do pedagogo, que não somente dar aulas às crianças.

PARTE II

PRIMEIRO CAPÍTULO – HISTÓRIA DA PEDAGOGIA NO BRASIL

Com a necessidade de pensar a formação de professores e por ter vivenciado o seu currículo e todas as suas potencialidades, questionamentos, críticas, etc. Início esse primeiro capítulo com uma breve contextualização da história da Pedagogia no Brasil.

Segundo Saviani (2008), a primeira vez que se usou o termo "Pedagogia" foi no projeto da Lei das Escolas de Primeiras Letras, em 1827, de Januário Cunha Barbosa: “Haverão [sic] escolas de primeiras letras, que se chamarão Pedagogias, em todas as cidades, vilas e lugares populosos [...]”. Que logo mais tarde foi riscado da lei, pois segundo o deputado Ferreira França, o termo significava “guia de meninos, de origem grega, o que não seria compreensível para a maioria das pessoas.

No Brasil, o curso de Pedagogia, ao longo de sua história, teve definido como seu objeto de estudo e finalidade precípuos os processos educativos em escolas e em outros ambientes, sobremaneira a educação de crianças nos anos iniciais de escolarização, além da gestão educacional. Merece ser salientado que, nas primeiras propostas para este curso, a ele se atribuiu o “estudo da forma de ensinar”.

Em 1835 foi criada a primeira Escola Normal brasileira, em Niterói, no Rio de Janeiro. Nessa época tinha-se a necessidade de inserir as mulheres, como professoras, nas escolas, para dar aulas apenas às meninas. Segundo Nóvoa (1992), as Escolas normais foram criadas pelo Estado para controlar um corpo profissional, mas também era um espaço de afirmação profissional.

A escola Normal tinha como principal objetivo a formação de professores para atuar no magistério de ensino primário. Para Brezinski (1996), a Escola Normal era obrigatória para a formação de professores para atuação no Ensino Fundamental e na própria Escola Normal.

O regulamento da escola normal de 14.07.1990 dava ênfase a formação de professores primários; a aspiração de elevar o nível dessa formação é expressa, todavia, na ideia de instituir um sistema completo e integrado de instrução pública. (BREZINSKI, 1996 p.22).

Segundo Nóvoa (1992), as Escolas normais foram criadas pelo Estado para controlar um corpo profissional, mas também era um espaço de afirmação profissional.

Em seu livro *Profissão professor: Identidade e Profissionalização docente*, Brezinski (2002) divide a história do curso de Pedagogia no Brasil em três períodos, no qual a principal questão era a busca de afirmação e questionamento da sua identidade.

O primeiro período é o das regulamentações, que vai de 1939 a 1972 – por concentrar as etapas em que se processaram a organização e as reorganizações do curso em conformidade com a legislação então fixada – no qual teve sua identidade questionada.

O segundo período da história do curso de pedagogia ocorreu de 1973 a 1977 e pode ser denominado período das indicações – por representar o conjunto de encaminhamentos de autoria do então conselheiro Valnir Chagas, que visava a reestruturação global dos cursos superiores de formação do magistério no Brasil – no qual teve sua identidade projetada. E o terceiro período vai de 1978 até 1999, e é denominado período das propostas, por indicar a documentação gerada no processo de revisão da formação do educador.

O curso de Pedagogia foi regulamentado, pela primeira vez, nos termos do Decreto-Lei nº 1.190/1939, destinados a formar bacharéis, “técnicos em educação” e licenciados em Pedagogia, com isso inaugurou-se o esquema 3+1, com blocos separados para bacharelado e licenciatura. O curso de Pedagogia oferecia o título de bacharel, a quem cursasse três anos de estudos em conteúdos específicos da área, quais sejam fundamentos e teorias educacionais; e o título de licenciado que permitia atuar como professor, aos que, tendo concluído o bacharelado, cursassem mais um ano de estudos, dedicados à Didática e à Prática de Ensino.

Com o esquema 3+1 foi previsto o currículo para o primeiro ano com disciplinas: Complemento de Matemática; História da Filosofia; Sociologia; Fundamentos Biológicos da Educação; Psicologia Educacional. Para o segundo ano do curso as disciplinas: Psicologia Educacional, Estatística Educacional; História da Educação; Fundamentos Sociológicos da Educação; Administração Escolar. No terceiro ano o curso de Pedagogia contava com as disciplinas: Psicologia Educacional; História da Educação; Administração Escolar; Educação Comparada; Filosofia da Educação.

Já o curso de didática era composto pelas disciplinas de Didática Geral; Didática Especial; Psicologia Educacional; Fundamentos Biológicos da Educação; Fundamentos Sociológicos da Educação; Administração Escolar.

Dessa forma, até então, o curso de Pedagogia era dissociado do campo da Ciência Pedagógica, do conteúdo da Didática, que eram tratados em cursos distintos e separadamente.

No primeiro ciclo do Ensino Secundário, era concedido aos licenciados em Pedagogia o registro para lecionar Matemática, História, Geografia e Estudos Sociais.

O esquema 3+1 permaneceu para o curso de Pedagogia, com o surgimento da Lei nº4.024/1961 e a regulamentação do Parecer CFE nº 251/1962. Para definir a especificidade do bacharel em Pedagogia e manter uma unidade de conteúdo, foi fixado um currículo mínimo para o curso, que se aplicava em todo território nacional, e servia como critério para transferências de alunos. Foi fixado em 1961 e era composto por sete disciplinas que eram indicadas pelo CFE e outras duas escolhidas pela instituição.

Para Libâneo e Pimenta (2006) o parecer 251/62 estabelece para o curso de Pedagogia o encargo de formar professores para os cursos normais e “profissionais destinados às funções não-docentes do setor educacional”, os “técnicos de educação ou especialistas de educação”, com a possibilidade de formar no futuro “mestre primário em nível superior”.

O currículo era compreendido por cinco disciplinas obrigatórias e onze disciplinas opcionais, das obrigatórias tínhamos: Psicologia da Educação; Sociologia Geral e Sociologia da Educação; História da Educação; Filosofia da Educação; Administração Escolar. As onze disciplinas opcionais são: Biologia; História da Filosofia; Estatística; Métodos e Técnicas de Pesquisa Pedagógicas; Cultura brasileira; Educação Comparada; Higiene Escolar; Currículos e Programas; Técnicas Audiovisuais da Educação; Teoria e Prática da Escola Média; Introdução à Orientação Educacional.

Segundo Saviani (2008), com o parecer, apesar do curso de Pedagogia abranger várias habilitações, mas todas elas são decorrentes de um curso único, e assim devem supor um só diploma.

Além de abordar sobre a organização e o funcionamento do curso de Pedagogia, o parecer CFE nº 252 e a Resolução CFE nº 2, também tinham como finalidade do curso habilitar os profissionais da educação assegurando possibilidade de obtenção do título de especialista, mediante complementação de estudos.

Era determinado, com a Resolução CFE nº 2/1969, a formação de professores para o ensino normal e de especialistas para as atividades de orientação, administração, supervisão e inspeção, fosse feita no curso de graduação em Pedagogia, de que resultava o grau de licenciado. Como licenciatura, permitia o registro para o exercício do magistério nos cursos normais, posteriormente denominados magistério de 2º grau e, sob o argumento de que “quem

pode o mais pode o menos” ou de que “quem prepara o professor primário tem condições de ser também professor primário”, permitia o magistério nos anos iniciais de escolarização. Sobre o parecer 252/69 Libâneo (1998) diz:

Ainda que o Parecer 252/69 mantenha a denominação “curso de pedagogia”, seu conteúdo deixa entrever que o termo “pedagógico” tem o sentido de metodológico, técnico, administrativo, no mesmo tom da linguagem dos “profissionais da educação” da década de 20. Além disso, pesa-lhe a herança do passado em que estudos pedagógicos referem-se quase sempre à preparação de professores, o que explica, ainda hoje, em algumas Faculdades de Educação, a identificação do termo “pedagogia” com a formação de professores para as séries iniciais do ensino fundamental, com o que a pedagogia tende a reduzir-se à prática do ensino”.

Segundo Libâneo e Pimenta (2006), o parecer nº252/69, definia a estrutura curricular do curso de Pedagogia, e a resolução normativa que acompanha o Parecer estabelece a função desse curso: formar professores para o ensino normal e especialistas para as atividades de orientação, administração, supervisão e inspeção no âmbito das escolas e sistemas escolares e admite ao licenciado exercer o magistério nas séries iniciais, dentro da habilitação para o ensino normal.

Embora as três regulamentações – o Decreto-Lei nº 1.190/1939, o Parecer CFE nº 251/1962 e o Parecer CFE nº 252/69, sendo os dois últimos de autoria do conselheiro Valnir Chagas – representem um esforço no sentido de criar e tentar fortalecer a identidade do curso e, conseqüentemente, a do próprio pedagogo, em realidade elas se encontram carregadas de conteúdos que, contraditoriamente, provocam seu contínuo questionamento (BRZEZINSKI, 1996, p.82).

No início da década de 1980, com as exigências do momento histórico, as universidades efetivaram reformas curriculares, com a preocupação dos processos de ensinar, aprender e gerir as instituições escolares, e tendo como finalidade de formar no curso de Pedagogia professores capacitados para atuar na Educação Pré-Escolar e nas séries iniciais de 1º Grau.

O curso de Pedagogia, desde então, vai amalgamando experiências de formação inicial e continuada de docentes, para trabalhar tanto com crianças quanto com jovens e adultos. Apresenta, hoje, notória diversificação curricular, com uma gama ampla de habilitações para

além da docência no Magistério das Matérias Pedagógicas do então 2º Grau, e para as funções designadas como especialistas.

São ampliadas as disciplinas e atividades curriculares dirigidas à docência para crianças de 0 a 5 e de 6 a 10 anos destacando os percursos de formação dos graduandos em Pedagogia, que contemplem a educação de jovens e adultos; a educação infantil; a educação na cidade e no campo; a educação dos povos indígenas; a educação nos remanescentes de quilombos; a educação das relações étnico-raciais; a inclusão escolar e social das pessoas com necessidades especiais, dos meninos e meninas de rua; a educação a distância e as novas tecnologias de informação e comunicação aplicadas à educação; atividades educativas em instituições não-escolares, comunitárias e populares.

O curso de Pedagogia foi se tornando lugar preferencial para a formação de docentes das séries iniciais do Ensino de 1º Grau, bem como da Pré-Escola, crescia o número de estudantes sem experiência docente e formação prévia para o exercício do magistério. Essa situação levou os cursos de Pedagogia a enfrentarem, nem sempre com sucesso, a problemática do equilíbrio entre formação e exercício profissional, bem como a desafiante crítica de que os estudos em Pedagogia dicotomizavam teoria e prática.

O movimento de educadores, em busca de um estatuto epistemológico para a Pedagogia, contou com adeptos de abordagens até contraditórias. Disso resultou uma ampla concepção acerca do curso de Pedagogia incluída a de que a docência, nas séries iniciais do Ensino de 1º Grau e também na Pré-Escola, passasse a ser a área de atuação do egresso do curso de Pedagogia, por excelência. Desde 1985, é bastante expressivo o número de instituições em todo o país que oferecem essas habilitações na graduação.

O reconhecimento dos sistemas e instituições de ensino sobre as competências e o comprometimento dos Licenciados em Pedagogia, habilitados para o magistério na Educação Infantil e no início do Ensino Fundamental é evidente, inclusive pelo quantitativo de formados em Pedagogia, em diferentes habilitações, que se dirigem ao Conselho Nacional de Educação (CNE) para solicitar apostilamento em seus diplomas, com vistas ao exercício da docência nestas etapas.

Tem crescido o número de licenciados em outras áreas do conhecimento, buscando formação aprofundada na área de gestão de instituições e de sistemas de ensino, em especial, por meio de cursos de especialização.

Podemos enfatizar, que em 1990, com a história das instituições de ensino superior, que o curso de graduação de Pedagogia foi se constituindo com o papel principal de formar profissionais para atuar na Educação Básica: Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Grande parte dos cursos de Pedagogia tem hoje como principal objetivo além da formação desses profissionais capazes de exercer a docência na Educação Básica também tem como objetivo central a formação dos pedagogos para atuar nas disciplinas pedagógicas para a formação de professores, assim como para a participação no planejamento, gestão e avaliação de estabelecimentos de ensino, de sistemas educativos escolares, bem como organização e desenvolvimento de programas não-escolares.

Com a história da Pedagogia podemos observar que os pedagogos e pedagogas enfrentam diversos obstáculos para serem reconhecidos e o Estado mantém políticas educacionais que vêm de encontro ao reconhecimento social e econômico do docente. Com transformações que ocorrem e ocorreram com por toda a história da pedagogia, poderão levar os pedagogos a atingirem condições ideais e que garantam um exercício profissional de qualidade e a valorização da educação.

Após a aprovação da nova lei de diretrizes e bases da educação (LDB), as Instituições de Ensino Superior (IES) começam a se preocupar com a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), atendendo a convocação feita pela Secretaria de Educação Superior do MEC (SESu/MEC), por meio do edital 04/97. Esse mesmo órgão foi responsável por designar um Grupo de Trabalho para a elaboração das diretrizes, os debates do GT deram origem ao Documento Norteador para a elaboração das Diretrizes Curriculares para os cursos de Formação dos Professores (1999).

As Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional deram origem as diretrizes curriculares Nacionais e a RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1, DE 15 DE MAIO DE 2006, foi que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. As diretrizes curriculares definem os princípios, condições de ensino e de aprendizagem, procedimentos a serem observados em seu planejamento e avaliação, pelos órgãos dos sistemas de ensino e pelas instituições de educação superior do país.

Ela é aplicada para a formação do exercício da docência na Educação Infantil e nas Séries Iniciais do Ensino fundamental, bem como em cursos do Ensino Médio e Educação Profissional e outras áreas do conhecimento pedagógico.

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação (BRASIL, 1996).

De acordo com a LDB, a formação do profissional da educação será fundamentada na associação entre teorias e práticas, e no aproveitamento de atividades e formação anteriores em outras instituições de ensino e atividades.

O estudante de Pedagogia irá trabalhar com repertório de conhecimentos teóricos e práticos, fundamentados em princípios da interdisciplinaridade, contextualização, democratização, pertinência e relevância social, ética, e sensibilidade afetiva e estética.

A DNC não restringe o curso de Pedagogia para apenas formar profissionais que desenvolvam o exercício da docência, ela articula a docência, a gestão educacional e a produção do conhecimento na área da educação.

Art. 4º O curso de Licenciatura em Pedagogia destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos.

Parágrafo único. As atividades docentes também compreendem participação na organização e gestão de sistemas e instituições de ensino, englobando:

I - planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de tarefas próprias do setor da Educação;

II - planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de projetos e experiências educativas não-escolares;

III - produção e difusão do conhecimento científico-tecnológico do campo educacional, em contextos escolares e não-escolares. (BRASIL, 2006)

Com isso as diretrizes nacionais do curso de Pedagogia traçam os perfis dos estudantes egressos no curso. Sobre o perfil dos estudantes do curso de Pedagogia:

Art. 5º O egresso do curso de Pedagogia deverá estar apto a:

- I - atuar com ética e compromisso com vistas à construção de uma sociedade justa, equânime, igualitária;
- II - compreender, cuidar e educar crianças de zero a cinco anos, de forma a contribuir, para o seu desenvolvimento nas dimensões, entre outras, física, psicológica, intelectual, social;
- III - fortalecer o desenvolvimento e as aprendizagens de crianças do Ensino Fundamental, assim como daqueles que não tiveram oportunidade de escolarização na idade própria;
- IV - trabalhar, em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo;
- V - reconhecer e respeitar as manifestações e necessidades físicas, cognitivas, emocionais, afetivas dos educandos nas suas relações individuais e coletivas;
- VI - ensinar Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Artes, Educação Física, de forma interdisciplinar e adequada às diferentes fases do desenvolvimento humano;
- VII - relacionar as linguagens dos meios de comunicação à educação, nos processos didático-pedagógicos, demonstrando domínio das tecnologias de informação e comunicação adequadas ao desenvolvimento de aprendizagens significativas;
- VIII - promover e facilitar relações de cooperação entre a instituição educativa, a família e a comunidade;
- IX - identificar problemas socioculturais e educacionais com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, com vistas a contribuir para superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas e outras;
- X - demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial, de gêneros, faixas geracionais, classes sociais, religiões, necessidades especiais, escolhas sexuais, entre outras;
- XI - desenvolver trabalho em equipe, estabelecendo diálogo entre a área educacional e as demais áreas do conhecimento;
- XII - participar da gestão das instituições contribuindo para elaboração, implementação, coordenação, acompanhamento e avaliação do projeto pedagógico;
- XIII - participar da gestão das instituições planejando, executando, acompanhando e avaliando projetos e programas educacionais, em ambientes escolares e não-escolares;
- XIV - realizar pesquisas que proporcionem conhecimentos, entre outros: sobre alunos e alunas e a realidade sociocultural em que estes desenvolvem suas experiências não escolares; sobre processos de ensinar e de aprender, em diferentes meios ambiental- ecológicos; sobre propostas curriculares; e sobre organização do trabalho educativo e práticas pedagógicas;
- XV - utilizar, com propriedade, instrumentos próprios para construção de conhecimentos pedagógicos e científicos;

XVI - estudar, aplicar criticamente as diretrizes curriculares e outras determinações legais que lhe caiba implantar, executar, avaliar e encaminhar o resultado de sua avaliação às instâncias competentes (BRASIL, 2006).

Segundo Franco, Libâneo e Pimenta (2007), o artigo 5º das diretrizes curriculares gera superposições e imprecisões quanto ao perfil do egresso, misturando objetivos, conteúdos e recomendações morais.

A formação de profissionais da educação para contextos não escolares é uma demanda cada vez mais forte. “É acentuada a consciência atual da importância da atuação desses profissionais no âmbito das práticas socioculturais que envolvem processos pedagógicos não-formais e informais no plano coletivo e comunitário”. (LIBÂNEO, 2006).

A educação se faz em diversos meios e espaços sociais na sociedade, com isso é necessário na formação do pedagogo que ele assuma uma responsabilidade social e que expanda a sua formação para diversos outros contextos, por meio da ação educativa e o exercício da cidadania, assumindo um papel social transformador.

[...]o curso de Pedagogia constitui o único curso de graduação cuja especificidade é proceder a análise crítica e contextualizada da educação e do ensino como práxis social, formando o profissional pedagogo, com formação teórica, científica, ética e técnica, com vistas ao aprofundamento na teoria pedagógica, na pesquisa educacional e no exercício de atividades pedagógicas específicas (FRANCO; LIBÂNEO; PIMENTA, 2007, p.84)

A estrutura do curso de Pedagogia constitui-se de núcleos que devem ser integrados e articulados durante toda a formação do aluno, dialogando entre os diferentes componentes curriculares. São eles: núcleo de estudos básicos; núcleo de aprofundamento e diversificação de estudos; núcleo de estudos integradores.

O curso de Pedagogia tem a duração de 3.200 horas de efetivo trabalho acadêmico, aonde 2.800 horas são dedicadas a atividades formativas; 300 horas ao estágio supervisionado; 100 horas de aprofundamento teórico práticas de áreas específicas de interesse dos alunos.

A integralização desses estudos será feita por disciplinas, seminários e atividades de natureza teórica; práticas da docência e gestão educacional; atividades complementares que envolvam o desenvolvimento progressivo do trabalho final de curso e por fim o Estágio Supervisionado, podendo ocorrer em ambientes escolares e não escolares.

SEGUNDO CAPÍTULO – REFLEXÕES SOBRE O CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

O objetivo desse capítulo é fazer uma reflexão sobre o curso de Pedagogia por meio da proposta do projeto acadêmico e da minha experiência na formação como pedagoga.

O currículo de Pedagogia sempre foi alvo de muitas discussões. Com as grandes exigências do mundo contemporâneo se torna cada vez mais difícil a organização do currículo de Pedagogia e a formação dos pedagogos. Este capítulo aborda o atual projeto político acadêmico do curso de Pedagogia e o currículo de pedagogia na UnB, com foco no campo dos projetos.

Darcy Ribeiro projetou a Universidade de Brasília, que nascia com a capital, em 1961. Ela nasceu para promover uma renovação do ensino superior no Brasil. O planejamento da Universidade de Brasília foi orientado pelos pressupostos do planejamento racional, modernizado e interativo (BREZINSKI, 1996 p.60). A estrutura organizacional que originou o modelo da Universidade de Brasília foi influenciado pelo projeto da UDF (Universidade do Distrito Federal), de Anísio Teixeira.

A UnB era organizada com um conjunto de faculdades e institutos centrais, entre elas a Faculdade de Educação, que na época previa a instalação de uma Escola Normal Superior, com os objetivos de: formar professores para a escola elementar e Normal em três anos após os cursos introdutórios; formar especialistas em administração, currículos e programas; estatística educacional e em testes e medidas educacionais; oferecer disciplinas obrigatórias aos bacharéis que desejassem cursar a licenciatura para atuar no Ensino Médio; oferecer pós graduação em Educação (BREZINSKI, 1996 p.61).

É preciso destacar que a Faculdade de Educação da UnB foi a primeira iniciativa renovadora da década de 1960, que ocuparia o lugar do projeto de Faculdade de Educação de Anísio Teixeira, nos anos 30. (BREZINSKI, 1996 p.61).

1.1 O CURSO DE PEDAGOGIA NA UNB: PROJETO ACADÊMICO DO CURSO DE PEDAGOGIA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

O Projeto Político Pedagógico (PPP) é um recurso teórico-metodológico para intervenção e modificação da realidade. O PPP é essencial para orientar a organização das Instituições de Ensino, buscando reflexões do presente, pensando a sua realidade para planejar ações futuras, efetuando a interrupção ou a continuidade das ações.

Para Libâneo (2000), o Projeto Político Pedagógico é o “conjunto de princípios e práticas que reflete e recria a cultura, projetando a cultura organizada que se deseja, visando a intervenção, transformação da realidade”.

O Projeto Político Pedagógico é fundamentado em princípios e valores, ele determina políticas e articula a gestão das instituições com políticas educacionais, é fundamental para aprimorar ações, recursos materiais e financeiros.

No século XX, na época de domínio militar, a participação dos alunos e da direção era restrita, as descrições eram distanciadas dos alunos e professores, hoje o PPP necessita da participação daqueles que estão implicados no processo educativo da instituição, sejam eles funcionários, professores, pesquisadores, gestores e estudantes.

O PPP é primordial na coordenação do trabalho pedagógico e para a compreensão do currículo, ele determina objetivos, conteúdos, metodologias, recursos didáticos e sua avaliação. Ele permite que as competências sejam acentuadas e as fragilidades sejam solucionadas.

Após um longo processo de reformulações o atual currículo do curso de Pedagogia entra em vigor no segundo semestre do ano de 1988. Com a Resolução 219/96 do CEPE determinou que os créditos em disciplinas obrigatórias não poderiam ultrapassar 70% do total (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2002). Com isso os docentes da Faculdade de Educação decidiram por uma reformulação do que estava estabelecido, assim a reformulação curricular se iniciou em abril de 1997.

Foi nesse processo de reformulação curricular que se destacam os rumos das mudanças e os motivos que os justificam como: a incorporação da ciência e da tecnologia aos

processos sociais, demandando um novo tipo de educação e de pedagogia, frente às exigências do mundo do trabalho; velocidade dos saberes produzidos e renovados, os saberes se tornavam obsoletos rapidamente; necessidade da criação de espaços de formação, abertos, contínuos, em fluxos não lineares.

Com a reformulação do currículo algumas necessidades se tornam necessárias, como relocar os seres humanos individualmente e coletivamente no centro do processo formativo; recuperar um fato irremediável de que fazemos parte de um ecossistema ameaçado; resgatar o processo evolutivo da condição humana, reconhecendo vínculos com a historicidade; redefinir e reinterpretar as necessidades de sistemas políticos e considerar que todas essas tarefas implicam em uma nova metodologia para a práxis pedagógico/acadêmica.

A proposta curricular pretende dar conta inicial da construção da identidade profissional do pedagogo. Segundo Martins e Pereira (2002):

"a identidade do profissional docente é construída no cotidiano, a partir dos pressupostos de exercer sua atividade sobre o alicerce da trilogia dos saberes específicos, dos saberes pedagógicos e das experiências adquiridas dentro e fora da sala de aula, nos desafios enfrentados e superados no exercício da função ao longo do processo histórico".

Essa construção da identidade deverá ser elaborada e remodelada durante todo o curso e ao longo da sua carreira.

Um dos princípios do Projeto Acadêmico do Curso de Pedagogia é contribuir para a formação de educadores que possam ser capazes de intervir na realidade, de forma "crítica, contextualizada, criativa, ética, coerente e eficaz, buscando a plena realização individual e coletiva". (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2002, p.11).

O curso de Pedagogia deve proporcionar uma preocupação com a construção da identidade profissional; estipular componentes básicos da formação inicial e continuada; a articulação do ensino com a pesquisa de extensão; ênfase na articulação da formação prático-teórica; formação de um profissional autônomo; estudo do trabalho educativo em sua complexidade e em suas múltiplas exigências e atenção prioritária às necessidades da população brasileira.

Segundo o Projeto Acadêmico de Pedagogia o curso tem por objetivos formar profissionais que são capazes de articular o fazer e o pensar pedagógicos, intervindo em diversos contextos que demandam a sua competência; formar profissionais conscientes de sua historicidade; prepara educadores aptos a planejar e realizar ações que os permitam compreender a evolução dos processos cognitivos, emocionais e sociais; e formar profissionais implicados com o seu processo de autoeducação e formação continuada.

A proposta curricular se constitui em "pontos de referência e de conexão para um cem números de possibilidades e alternativas para ampliar e diversificar as trajetórias dos sujeitos aprendizes na sua formação profissional." (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2002, p.13).

Para Franco (2002), o currículo deve funcionar como articulador entre as práticas sociais e culturais, devendo ser encarado como um projeto cultural.

Com base no Projeto Acadêmico do curso de Pedagogia o currículo de será único para os dois turnos (diurno e noturno), o curso de Pedagogia terá duração de 4 anos, com a formação docente como base da formação profissional e o egresso no curso será com o registro de professor/educador habilitado a trabalhar em ambientes escolares e não escolares.

A formação do estudante pode ser completada com uma área de aprofundamento escolhida por ele e o início e final do curso deve ser considerado uma dinâmica própria e é muito especial no percurso acadêmico e sua formação inicial será completada com um programa orgânico de formação continuada.

Os estágios supervisionados são realizados através de projetos, que resultam no Trabalho Final de Curso, uma base docente, que é desenvolvido durante toda a sua trajetória acadêmica.

Os alunos precisam conhecer o mais cedo possível os sujeitos e as situações com que irão trabalhar. Significa tomar a prática profissional como instância permanente e sistemática na aprendizagem do futuro professor e como referência para a organização curricular (LIBÂNEO; PIMENTA, 1999, p.267).

No curso de Pedagogia usa-se o termo *fluxo*, para denominar o encadeamento dos estudos, que apresenta um conjunto de conteúdos denominados *estudos*, que são assegurados por componentes obrigatórios, das Ciências Pedagógicas, referentes às metodologias e aos processos pedagógicos como: *o currículo, programas, organização do trabalho docente,*

didática, avaliação e alfabetização, e em seguida as Ciências da Educação: Sociologia, Antropologia, Psicologia, História, Economia, Ciência Política, Filosofia (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2002, p.14).

O projeto de formação é composto por três pólos: a práxis, com a vivência da prática educativa, amparada pelos projetos; a formação pedagógica, formada pelos estudos de Linguagem, Matemática, Ciências Naturais e Sociais, Arte-Educação, Organização do trabalho docente, processos de Alfabetização e Administração da Educação; e o terceiro pólo, das Ciências da Educação, que oferece marcos-teóricos conceituais mais amplos para as práticas educativas.

O campo dos Projetos é imprescindível na formação dos futuros pedagogos, eles fazem parte da vida acadêmica dos estudantes desde o primeiro semestre e que servirão como um fio condutor que levará, no futuro, ao seu trabalho de conclusão de curso.

Os Projetos são formados por atividades de orientação, observação, regência, investigação, extensão, busca bibliográfica, sua base são as organizações, aonde seus acontecimentos e as circunstâncias e o cenário educativo acontecem, podendo ser em ambientes escolares ou programas de formação em diferentes organizações.

Os Projetos são espaços de vivência do mundo pedagógico durante todo o processo formativo, tendo de um lado a pesquisa e o aprofundamento teórico, buscando compreender os motivos dos êxitos ou dos fracassos que se deram nas práticas educativas.

“a profissão de professor combina sistematicamente elementos teóricos com situações reais. Por essa razão, ao se pensar um currículo de formação, a ênfase na prática como atividade formadora aparece, à primeira vista, como exercício formativo para o futuro professor. Entretanto, em termos mais amplos, é um dos aspectos centrais na formação do professor, em razão do que traz consequências decisivas para a formação profissional (LIBÂNEO e PIMENTA, 1999.)

É importante, desde o início do curso, que os alunos tenham práticas pedagógicas, que os coloque frente a problemas e os possibilite a experimentar soluções. Isso significa ter a prática ao longo do curso, como referente direto para constatar seus estudos e formar seus próprios conhecimentos e convicções a respeito (LIBÂNEO e PIMENTA, 1999, p.267).

Os Projetos são articulados através do ensino/pesquisa/gestão, e são desenvolvidos em diversas áreas temáticas, com sua equipe de professores, e são vivenciados durante os oito semestres da vida acadêmica, culminando no Trabalho final de curso, que pode assumir linguagens, modalidades e formatos diferentes.

As atividades acadêmicas permitem aos estudantes que durante a sua formação se reúna experiências coletivas e pessoais, que se compreenda estudos disciplinares individuais ou em grupo e o engajamento dos alunos academicamente durante todo o curso, e que essas atividades encontrem sua culminância e síntese num Trabalho Final de Curso.

Os Projetos acadêmicos são divididos em projeto 1, 2, 3, 4 e 5. O projeto 1 e 2 são obrigatórios e apresentam carga horária de 60 horas.

O Projeto 3 é dividido em três fases: Projeto 3 fase 1, Projeto 3 fase 2 e projeto 3 fase 3, com carga horária de 90 horas. O Projeto 4 também é dividido em fases, todas obrigatórias: Projeto 4 fase 1 e Projeto 4 fase 2. E o Projeto 5 é o Trabalho de conclusão de curso, com questões que mobilizaram o aluno durante o seu processo de formação.

Projeto 1: Iniciação à vida universitária, à vida na faculdade de Educação, ao currículo de Pedagogia.

Esta é a fase de iniciação da vida acadêmica, no Projeto 1 conheci as estruturas e espaços físicos da Universidade de Brasília, Faculdade de educação, e as unidades acadêmicas, bem como o funcionamento destas.

No Projeto pude entender melhor sobre a história da Pedagogia no Brasil, o pedagogo e sua identidade.

Projeto 2: aprofundamento do significado de Pedagogia e do sentido de Ser Pedagogo, tomando como referência a obra de alguns grandes pedagogos, o fazer concreto de pedagogos atuais e locais (preferencialmente ex-alunos da Pedagogia/UnB), atuando em diferentes contextos institucionais, introdução ao estatuto epistemológico da Educação e da Pedagogia, abrindo para as diferentes perspectivas de ação e de investigação em Pedagogia.

No Projeto 2 aprofundei meus conhecimentos sobre questões como: O que é Pedagogia? O que é ser pedagogo? A formação dos profissionais da educação, o currículo de formação dos pedagogos e o Curso de Pedagogia, com bases em autores como Saviani, Pimenta e Libâneo.

Nesse Projeto fizemos o trabalho de investigação do pedagogo com as entrevistas, logo depois discutimos com a turma. Essa discussão dos grupos nos mostrou além da nossa perspectiva, outras formas de ver áreas de atuação do pedagogo.

Projeto 3: vivência prática do fazer pedagógico em diferentes contextos institucionais, articulando, no processo formativo, as atividades de extensão, pesquisa e ensino. Este é, por excelência, o primeiro e mais importante momento de “mergulho” no fazer concreto do profissional em Pedagogia, vivendo-o em toda sua riqueza e em todos os seus desafios.

No Projeto 3 foi ampliado as minhas possibilidades de conhecer o campo de atuação do pedagogo, aonde pude escolher uma área de interesse, dentre tantas opções. Nesta fase que entrei no projeto de Economia Solidária, aos sábados, com a professora Sônia Marise.

Projeto 4: é o momento de cumprimento do “estágio” em sua formulação legal. Compreendendo ao todo 240 horas vivenciadas em “instituições de ensino formal escolar” (independentemente da idade dos formandos e dos educandos). Aqui o fundamental é a vivência concreta das “situações educativas”, entendidas aqui como espaço/tempo da atuação interativa com alunos, inclusive em sala de aula. É o momento do planejamento, da execução e da avaliação do trabalho formativo didaticamente experienciado num “grupo-classe”, em sintonia com o “Projeto Político Pedagógico” de cada estabelecimento ou instituição aonde venha a exercer sua prática.

No Projeto 4 realizei o meu estágio curricular, na mesma área que iniciei nos Projetos 3. Permaneci no projeto para dar continuidade aos trabalhos iniciados nas fases do Projeto 3, e por estar engajada com as atividades da ONG.

Projeto 5 é o momento de síntese integradora final de curso, caracterizado pela concepção, elaboração e defesa de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

É um momento de reflexão crítica, devidamente documentada e teorizada em que se trata de um tema delimitado.

Durante todo o curso de Pedagogia, principalmente nos Projetos 3 e 4, com base nos aprofundamentos teóricos e na minha prática, é que pude construir o meu trabalho final de curso, amparada pelos meus “diários de bordo” que foram construídos durante todos os encontros dos projetos, para me auxiliar na elaboração do meu trabalho final.

Figura 1 – Quadro com os projetos do polo da práxis.

Semestres	Modalidade	Créditos	Carga Horária	Conteúdos
1	Projeto 1	4	60	Orientação Acadêmica Integral (OAI)
2	Projeto 2	4	60	Grupo de Estudo e/ou Projetos de Ensino/Pesquisa/Extensão (GEPE)
3	Projeto 3	6	90	Projetos ou Sub-Projetos Individualizados (PESPE)
4	Projeto 3	6	90	Idem
5	Projeto 3	6	90	Idem
6	Projeto 4	8	120	Sub-Projeto Individualizado de Prática Docente (SPEPD)
7	Projeto 4	8	120	Idem
8	Projeto 5	12	180	Trabalho final de Curso (TFC)
TOTAL		54	810	

Fonte – Projeto Acadêmico do Curso de Pedagogia da UnB

Além da escolha entre as temáticas dos projetos, durante o curso, o graduando tem a possibilidade de escolher estudos na forma de disciplinas optativas, podendo ser na Faculdade de Educação, ou fora dela, com temáticas relacionadas às temáticas de envolvimento dos alunos como, por exemplo, a Educação Infantil, Educação de Jovens e Adultos, Tecnologias na Educação e Educação e Trabalho, que oferecem aos alunos uma oportunidade de estudos articulados aos projetos.

As disciplinas obrigatórias compõem 43% das 3.210 horas de carga horária do curso de pedagogia, elas são agrupadas em departamentos de acordo com a sua temática de estudo, são eles: Departamento de Planejamento e Administração (PAD), Departamento de Métodos e Técnicas (MTC) e o Departamento de Teoria e Fundamentos (TEF).

- Disciplinas do PAD (obrigatórias): Administração das organizações educativas; Avaliação das Organizações Educativas; Organização da Educação Brasileira e Políticas Públicas da Educação.

As disciplinas obrigatórias do PAD possuem uma carga horária de 60 horas e as disciplinas correspondem a 4 créditos cada uma.

- Disciplinas do MTC (obrigatórias): Didática Fundamental; Educação em Geografia; Educação Matemática 1; Ensino de Ciências e Tecnologia 1; Ensino e Aprendizagem da Língua Materna; Ensino de História Identidade e Cidadania e Processo de Alfabetização.

Cada disciplina corresponde a 60 horas de carga horária, totalizando 240 horas, sendo cada disciplina 4 créditos, totalizando um total de 28 créditos.

- Disciplinas do TEF (obrigatórias): Antropologia e Educação; Aprendizagem e Desenvolvimento do PNEE; Escolarização de Surdos (LIBRAS); Filosofia da Educação; História da Educação; História da Educação Brasileira; O Educando com Necessidades Educacionais Especiais; Orientação Educacional; Orientação Vocacional Profissional; Perspectivas do Desenvolvimento Humano; Pesquisa em Educação 1; Psicologia da Educação e Sociologia da Educação.

Essas disciplinas totalizam um total de 52 créditos e 780 horas de carga horária, aonde temos uma maior distribuição de disciplinas obrigatórias do currículo de Pedagogia.

Além das áreas de estudos oferecidos pela Faculdade de Educação e pela Universidade, os graduandos de Pedagogia podem realizar diversas atividades, que contribuem para a sua formação e que podem ser desconhecidos pela burocracia acadêmica e pedagógica, conhecidos como estudos independentes.

Os alunos do curso de Pedagogia poderão, numa perspectiva de formação ampliada e formação continuada e permanente, enriquecer a sua formação, seguindo as demandas da carreira profissional e o mercado de trabalho na sua área.

A formação inicial estaria estreitamente vinculada aos contextos de trabalho, possibilitando pensar as disciplinas com base no que pede a prática; cai por terra aquela idéia de que o estágio é aplicação da teoria. Por outro, a formação continuada, a par de ser feita na escola a partir dos saberes e

experiências dos professores adquiridos na situação de trabalho, articula-se com a formação inicial, indo os professores à universidade para uma reflexão mais apurada sobre a prática (LIBÂNIO: PIMENTA, 1999, p.268).

A formação ampliada complementa a formação inicial dos estudantes, com modalidades optativas como educação de jovens e adultos, tecnólogo em educação, educação especial e pedagogia empresarial, e diversas outras que possa existir na Faculdade de Educação.

Com especialização ou aperfeiçoamento em nível de pós-graduação *lato sensu* há também a possibilidade do pedagogo fazer as complementações posteriormente a sua formação inicial. Outra perspectiva é a educação permanente, além da pós graduação *stricto sensu*.

A orientação acadêmica na Faculdade de Educação consiste em uma obrigação da instituição na formação do pedagogo, acompanhando os graduandos individualmente, desde a sua entrada no curso até a sua saída. A orientação é uma maneira de não se perder elementos trazidos durante a avaliação da aprendizagem.

Temos como objetivos da orientação acadêmica:

- Informar os graduandos sobre os estudos na área de formação escolhida, e as possibilidades que ele oferece;
- Informar sobre a estrutura e funcionamento da Universidade de Brasília e a Faculdade de Educação;
- Orientar os graduandos nas escolhas dos projetos e outras áreas em que podem participar;
- Orientar os graduandos nas escolhas das disciplinas que serão cursadas;
- Orientar os graduandos nos seus projetos finais de curso.

A coordenação pedagógica do curso de Pedagogia é realizada de forma colegiada e integrada, com a missão de supervisionar a oferta semestral dos estudos e atividades; coordenar atividades de discussão e elaboração de ementas e programas; promover a avaliação sistemática do desenvolvimento curricular; mobilizar a comunidade da Faculdade de Educação para a avaliação e aperfeiçoamento do Projeto Acadêmico.

A equipe da coordenação é encarregada de definir a sua organização interna, suas responsabilidades e ações, com a tarefa de organizar arquivos individuais dos estudantes; elaborar um manual de orientação acadêmica e um banco de dados sobre a vida acadêmica dos estudantes; promover alguns eventos com a participação da comunidade acadêmica; estimular a graduação com a pós graduação nos projetos; manter o fórum Permanente de Orientação Acadêmica.

O processo de avaliação no curso de Pedagogia se dá em três dimensões: A avaliação dos processos de aprendizagem; a avaliação do curso no seu conjunto; avaliação da Faculdade de Educação como instituição.

A avaliação deve ser construída ao longo de todo o processo, com um envolvimento direto do aprendiz, detectando e aproveitando diferenciados ritmos e estilos de aprendizagem, admitindo diferenças entre os indivíduos, com a verificação das potencialidades e dificuldades dessa aprendizagem. Ela deve ser entendida como um processo contextualizado.

“a avaliação facilita a interpenetração do espaço de estudo com o mundo da atividade profissional de maneira que o formando se aproxima cada vez mais das condições reais de vida e de trabalho e se sente confiante na preparação que o curso lhe proporcionou” (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2002, p.22).

A linguística e a lógica matemática são destacadas no processo de ensino e aprendizagem, mas a avaliação deve considerar todos os tipos de inteligências de cada pessoa.

Atualmente está sendo discutida uma proposta de reestruturação do currículo do curso de Pedagogia, para os cursos do diurno, noturno e a modalidade a distância, que contemplem as diretrizes curriculares do curso de Pedagogia de 2006.

Com o atual currículo de Pedagogia da UnB, realizei uma intervenção pedagógica, no campo dos Projetos, no Projeto 3 e 4. Essa intervenção será detalhada no próximo capítulo deste trabalho, com o relato de experiência vivenciado em Santa Maria.

CAPÍTULO 3 – IMPORTÂNCIA DA EXPERIÊNCIA NO CAMPO DE PROJETOS PARA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO

Este capítulo pretende mostrar o relato de experiência da prática educativa vivenciada nos Projetos 3 fases A, B e C e 4 fases 1 e 2, de Economia Solidária, e as oportunidades que o currículo de Pedagogia me proporcionou, dentro do campo dos projetos, realizado em Santa Maria, com a professora Sônia Marise. Entrei no Projeto 3 de Economia Solidária no primeiro semestre do ano de 2011, onde permaneci com os projetos até o primeiro semestre de 2012.

Nesse capítulo irei abordar todas as atividades pelas quais passei durante os Projetos e irei destacar aonde, nessas práticas, se encontra algumas características da Economia Solidária ou da Educação Popular, sem aprofundar nas suas Teorias.

A ligação umbilical da educação popular com a economia solidária se deve ao fato de que esta se apoia em novos valores que, aplicados a atividades econômicas, exigem a invenção de novas práticas, que cabe à educação popular difundir entre aqueles que a peculiar dinâmica do capitalismo exclui do espaço econômico que ele domina (SINGER, 2009, p.10).

A Economia Solidária tem como objetivo principal a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e sustentável, com a valorização do sujeito, da autonomia.

A economia solidária é antes de tudo um processo contínuo de aprendizado de como praticar a ajuda mútua, a solidariedade e a igualdade de direitos no âmbito dos empreendimentos e ao mesmo tempo fazer com que estes sejam capazes de melhorar a qualidade de seus produtos, as condições de trabalho, o nível de ganho dos sócios, a preservação e recuperação dos recursos naturais colocados à sua disposição (SINGER, 2009, p.13).

A economia solidária é constituída na organização da sociedade que se embasa na valorização do trabalho e se direciona para a efetivação do humanismo social, com uma educação voltada para o desenvolvimento dos saberes populares e emancipatórios, concentrados nas condições sociais e nos contextos da sociedade contemporânea. Tem por base os princípios da cooperação, autogestão, solidariedade e a viabilidade econômica.

Segundo Gadotti (2009) a Economia Solidária respeita o meio ambiente, a cultura, a luta pela cidadania e a igualdade, envolvendo pessoas comprometidas com um mundo mais solidário, ético e sustentável. “O movimento por uma outra economia não está separado de um conjunto de movimentos sociais e populares que, em diversos campos, têm lutado por um outro mundo possível e reinventado modos de vida sustentáveis, produtivos e justos” (GADOTTI, 2009, p.56).

Vem se apresentando, nos últimos anos, como inovadora alternativa de gestão de trabalho e renda e uma resposta a favor da inclusão social. Compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, redes de cooperação, entre outras, que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças solidárias, trocas, comércio justo e consumo solidário. “Nessas últimas décadas, a economia solidária vem se estruturando e se constituindo numa força real e alternativa ao modelo capitalista” (GADOTTI, 2009, p.18).

Considerando essas características, a economia solidária aponta para uma nova lógica de desenvolvimento sustentável com geração de trabalho e distribuição de renda, mediante um crescimento econômico com proteção dos ecossistemas. Seus resultados econômicos, políticos e culturais são compartilhados pelos participantes, sem distinção de gênero, idade e raça. “Quem se engaja na economia solidária trabalha e ganha a vida e ao mesmo tempo luta por uma sociedade mais justa, mais ecológica etc” (SINGER, 2009, p.13).

3.1 Sobre o local da pesquisa

Santa Maria é uma região Administrativa do Distrito Federal, conhecida como cidade satélite, assim como outras cidades administrativas que compõem o Distrito Federal.

Segundo o Censo de 2005 realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a cidade possui uma população de aproximadamente 120 mil habitantes e ocupa uma área de 211km² e se localiza a 26 km de Brasília.

A cidade começou a ser ocupada em Fevereiro de 1991, e é rodeada pelos ribeirões Alagado e Santa Maria, e esse nome foi que deu origem ao nome da Cidade.

No início a cidade havia pouca estrutura urbana, e hoje Santa Maria já possui quase 100% de asfalto, ela é composta por área urbana, rural e militar e está vinculada ao programa

de distribuição de lotes do governo do distrito federal, com o Assentamento de Famílias de Baixa Renda.

3.2 Sobre a Pesquisa

De início a ideia que tínhamos planejado para os encontros do projeto seria nos reunirmos aos sábados em uma escola situada em Santa Maria, e assim atrair a comunidade e seus representantes para trabalhar e planejar ações com base nos princípios da Economia Solidária em um ambiente não escolar, e a partir das demandas da comunidade desenharíamos o que poderíamos trabalhar e qual seria a nossa participação e ajuda às necessidades da comunidade.

Segundo Silva (2007), para uma proposta de Educação Popular, é necessário o levantamento da realidade local; a escolha de situações significativas; caracterização e contextualização de temas geradores sistematizados em uma rede de relações temáticas; elaboração de questões geradoras; construção de planejamento para intervenção da realidade; preparação das atividades comunitárias participativas.

A educação se faz em diversos meios e espaços sociais na sociedade, com isso é necessário na formação do pedagogo que ele assuma uma responsabilidade social e que expanda a sua formação para diversos outros contextos, por meio da ação educativa e o exercício da cidadania, assumindo um papel social transformador.

[...] o curso de pedagogia constitui o único curso de graduação cuja especificidade é proceder a análise crítica e contextualizada da educação e do ensino como práxis social, formando o profissional pedagogo, com formação teórica, científica, ética e técnica, com vistas ao aprofundamento na teoria pedagógica, na pesquisa educacional e no exercício de atividades pedagógicas específicas (FRANCO; LIBÂNEO; PIMENTA, 2007, p.84)

No primeiro encontro fomos a uma escola pública em Santa Maria, aonde realizaríamos os nossos trabalhos. Chegamos lá e abrimos uma roda de conversa aonde demos palavra às pessoas ali presentes e representantes da comunidade para entendermos o que eles

esperavam com a chegada de nós estudantes da UnB e quais seriam as contribuições que eles pretendiam que realizássemos na comunidade de Santa Maria.

No segundo encontro na escola escolhida, as portas estavam fechadas e não havia ninguém para nos atender, o que dificultava ainda mais o nosso trabalho, a comunidade não aparecia. Percebemos que a Dona Amparo, foi a única que estava sempre presente nos encontros desde o início e por isso escolhemos a Associação Atlética de Santa Maria (AASM) para realizarmos as nossas atividades.

Dona Amparo criou o projeto “Bola no pé e escola na cabeça”, com o objetivo inicial de ajudar as crianças e os adolescentes da comunidade, intervindo contra o uso de drogas por meio do estudo e do futebol. A Associação Atlética de Santa Maria conta com o apoio de instituições governamentais e não governamentais, Secretarias de Governo, ONGS, voluntários e algumas parcerias.

A Associação Atlética de Santa Maria designada pela sigla AASM, foi fundada em dezembro de 1998, mas começou suas atividades em 1995.

A AASM é pessoa jurídica de direito privado, criada na forma de Associação, entidade sem fins econômicos e lucrativos, político-partidários ou religiosos, nasceu com o intuito de tirar crianças e adolescentes de 7 a 17 anos, das ruas e evitar possíveis contatos com o mundo das drogas e da violência através de atividades esportivas, culturais, de lazer e de cursos profissionalizantes.

Segundo Dona Amparo as crianças e os jovens de Santa Maria não gostavam de estudar, e ela percebeu que se alguém não realizasse um trabalho para resgatar esses jovens para as escolas, Santa Maria não seria a cidade que é hoje. Ela criou o projeto para tirar os jovens do mundo das drogas e da violência. Foi a partir disso que ela conheceu o programa mala do livro e como voluntária levava algumas crianças para sua casa, para fazer a leitura dos livros. Com o tempo as próprias crianças cobraram da Dona Amparo mais atividades além da leitura dos livros, então ela pediu para as crianças levarem os livros pra casa e depois fazer um teatro do que se passava nas histórias, mas mesmo assim as crianças ainda sentiam falta de alguma outra atividade, e partir daí veio o futebol, com isso Dona Amparo teve que abrir a Associação, fazer o projeto bola no pé escola na cabeça, com o objetivo de levar as crianças pra escola.

Hoje, além do futebol, a Associação conta com aulas de artes marciais, hip hop e alguns cursos para as mães como pintura, cabeleireiro, corte e costura, com o objetivo de trazer as mães para perto dos seus filhos que muitas vezes não tem o acompanhamento da família e ficam “largados” e sujeitos ao mundo das drogas, da violência, e muitos faltam as aulas.

A economia solidária é um ato pedagógico em si mesmo, na medida em que propõe uma nova prática social e um entendimento novo dessa prática. A única maneira de aprender a construir a economia solidária é praticando-a. Mas seus valores fundamentais precedem sua prática. (PAUL SINGER 2005, p.19).

Os alunos do projeto de Economia Solidária e a professora Sônia chegaram na Associação com uma proposta de aplicar alguns princípios da Economia Solidária na ONG. Mas não impomos nada à comunidade, apenas levamos a nossa proposta e mostramos como pretendíamos trabalhar para ajudar às demandas e as necessidades daquela comunidade.

[...] atenção prioritária às necessidades da população brasileira e, por isso, consideração particular com o estudo da realidade sócio-econômica e cultural do país com destaque às populações carentes e marginalizadas (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2002, p.12).

A Dona Amparo se mobilizou e mobilizou também alguns voluntários da comunidade a mudar a realidade em que se encontrava Santa Maria, a mudar a realidade das crianças da sua comunidade.

Após ouvir a proposta do projeto, a presidente, os voluntários, e os participantes da Associação concordaram em trabalhar, na perspectiva da Economia Solidária, com os alunos da Universidade de Brasília.

Segundo o Projeto Acadêmico da Universidade de Brasília (2002), um dos objetivos do curso de Pedagogia é formar e preparar profissionais para intervir nos mais diversos contextos socioculturais que requeiram sua competência, articulando o fazer e o pensar pedagógico.

A intenção era que a partir desse diálogo com os participantes da comunidade nós poderíamos começar a planejar metas, na tentativa de aplicar os princípios da Economia Solidária na Associação Atlética de Santa Maria.

Para isso era importante conhecermos a presidente, Dona Amparo, o funcionamento da Associação, suas instalações, conhecer os voluntários, como trabalhavam, se recebiam algo em troca, conhecer os parceiros e patrocinadores, os alunos dos cursos oferecidos, a comunidade, as crianças que participavam das aulas de futebol e artes marciais, e todos aqueles envolvidos no projeto da ONG e a partir daí começar a planejar as nossas atividades futuras.

A Associação conta com cursos de corte e costura, pintura em tecido, curso de cabeleireira, manicure, escolinha de futebol, aula de artes marciais e uma turma de EJA, que se reunia nas quartas à noite.

Conhecemos o professor da escolinha de futebol, o professor das artes marciais, o do curso de pintura, as meninas da cozinha, o professor do EJA, e todos aqueles voluntários que de alguma forma colaboram com as atividades da Associação Atlética de Santa Maria.

A primeira necessidade que constatamos conhecendo a Associação era que a ONG precisava de uma revitalização nos ambientes.

Logo de início percebemos que as cores das paredes da Associação não estavam tornando o ambiente acolhedor, a Associação não tinha uma faixa com o nome dos colaboradores, o ambiente utilizado para as aulas do EJA não estava bem estruturado, não chamava atenção dos alunos, o quadro não tinha moldura, os vidros das janelas e algumas mesas estavam quebradas e algumas prateleiras estavam sendo mal usadas, com livros jogados e desorganizados, que não despertavam a atenção das pessoas para a leitura.

A nossa proposta foi revitalizar o ambiente, realizar uma reforma e organizar um mutirão, com os alunos da UnB e os voluntários da comunidade e participantes da AASM. As meninas da cozinha colaboravam preparando um almoço todos os sábados, já que nessa etapa de mutirão passávamos a manhã e parte da nossa tarde na ONG.

Durante toda a revitalização muitos alunos não se engajaram tanto nas atividades, mas com o tempo cada um foi assumindo o seu espaço. Vimos a solidariedade dos alunos da UnB e dos participantes da Associação.

Além de revitalizar o ambiente da Associação, discutimos a possibilidade de criação do blog da associação atlética de Santa Maria, contendo sua história, as atividades realizadas e fotos, convites para futuros eventos, informações sobre os cursos oferecidos e as inscrições, o contato da ONG, entre outros. O objetivo era apresentar a Associação, sua história, seus parceiros, e seu trabalho com a comunidade, para aqueles que não têm conhecimento do que é realizado na ONG.

Utilizamos apenas materiais de fácil acesso a todos, e que estavam disponíveis na comunidade, nada que demandasse a aplicação do dinheiro tanto por parte dos alunos quanto por parte da comunidade.

Cada aluno ficou responsável por uma atividade, mas no final todos acabaram ajudando uns aos outros. Planejamos todas as nossas ações e tudo que seria reformado. Pintamos com cores vibrantes as prateleiras, organizamos os livros que ainda estavam em condições para serem utilizados, trocamos os vidros das janelas quebradas por vidros novos, revitalizamos a área do salão de beleza, pois estava sendo usada como depósito, escrevemos os nomes dos colaboradores da AASM em caixotes de madeira, para fazermos um painel com os parceiros da ONG. Para as aulas da EJA emolduramos o quadro negro utilizado pela turma, pintamos as salas com as cores representantes da associação.

Durante as nossas atividades, e com as falas das mães que participavam das aulas na Associação, vimos a necessidade de criar um espaço para elas deixarem seus filhos, pois muitas mães não tinham aonde deixar seus filhos e precisavam de um lugar mais adequado para deixá-los. Assim, montamos um ambiente para brinquedoteca, em um espaço que não estava sendo utilizado.

Nos sábados que nos reuníamos para o mutirão da revitalização, podemos contar com voluntárias que cozinhavam e preparavam o nosso lanche e almoço para podermos continuar as nossas atividades e permanecer por mais tempo na Associação durante aqueles dias. Podemos destacar aqui também o princípio da solidariedade, enquanto nos ajudávamos uns aos outros nas tarefas, solidariamente, algumas mulheres da comunidade preparam comidas para todos que estavam participando da revitalização.

Com a finalização da revitalização da ONG, podemos ouvir a comunidade e dar voz aos sujeitos, atentos às suas necessidades, demandas e experiências de vida, para tentar desenvolver uma proposta de intervenção que atendesse às necessidades daquela comunidade.

A idéia não era chegar na Associação com “receitas prontas”, todas as atividades necessitavam da troca de conhecimentos entre os alunos da UnB e os sujeitos daquela comunidade, o conhecimento era construído coletivamente.

O projeto de Economia Solidária levada pela professora Sônia e pelos seus alunos da UnB não era com a intenção de oferecer recursos financeiros e principalmente não estávamos desenvolvendo esse projeto com o intuito de impor nossos conhecimentos e o que aprendemos sobre Economia Solidária.

Durante a minha prática nos projetos em Santa Maria surgiram alguns políticos da região interessados em participar do projeto, mas nunca haviam se envolvido com a ONG até então, com discursos que percebemos que suas preocupações eram principalmente de se promoverem.

Os voluntários da Associação não recebiam nenhuma ajuda de custo para realizar seus trabalhos na ONG de Santa Maria, eles tiravam dinheiro dos seus bolsos para pagar a sua locomoção até a Associação ou até custos extras com recursos necessários para a realização das suas atividades.

Com essa realidade vimos a necessidade de se criar uma maneira para eles receberem alguma ajuda de custo para continuarem os seus trabalhos na ONG, pois muitos desistem por não conseguir se manter voluntariamente nas atividades da Associação sem alguma ajuda financeira.

O que pensamos como meta para ajudá-los não seria um salário, mas sim uma ajuda de custo como uma maneira de retribuir o seu trabalho voluntário na ONG, aonde os alunos, que não pagavam pelos cursos, dariam uma ajuda simbólica para retribuir o trabalho dos professores voluntários, sem que nenhum ganhe mais do que o outro.

A professora Sônia sempre trazia nas discussões as suas vivências com a Economia Solidária e em uma das suas falas percebemos que uma das experiências poderia se encaixar ao grupo das meninas que cursavam o curso de cabeleireira e manicure.

Muitas dessas mulheres não têm a possibilidade de trabalhar fora de casa, outras trabalham em salões para seus donos, outras trabalham em casa para ganhar uma renda extra, e pensando nessas mulheres propomos a criação de um salão comunitário, aonde não haveria patrões, todas teriam os mesmos direitos e ganhariam igualmente, conforme a receita obtida e

que é um dos princípios da economia solidária, que seria o direito à liberdade individual, com um mercado solidário, diferentemente do mercado capitalista. “Um mercado socialista precisa ter um bom preço, ser eficiente, como também precisa ser ético, não explorar as pessoas, não ser desleal”. Gadotti (2009, p.37)

Era uma estratégia futura, que elas poderiam pensar junto a Associação e a UnB, para a efetivação concreta dessa meta. Até a minha saída do projeto essa meta ainda não tinha sido concretizada.

A partir das demandas da comunidade a nossa turma foi dividida em Grupos de Trabalho, os GTs. Os grupos de trabalho tinham o objetivo de atender às necessidades que surgiram durante a conversa com os voluntários e integrantes da comunidade de Santa Maria, os grupos de trabalho seria um espaço que nós alunos teríamos para discutir propostas, planejar atividades e discutir estratégias para contribuir com o desenvolvimento da Associação.

Dentre os fazeres de uma educação popular, destaca-se o momento participativo de planejar e organizar as atividades práticas de formação comunitária, pois é aí que os interesses e as intencionalidades políticas tornam-se coletivamente conscientes e explícitas, evidenciando os critérios adotados para a seleção de conhecimentos sistematizados e metodologias que promoverão o percurso que se pretende implementar no processo de construção/apreensão/ intervenção da realidade concreta. Trata-se de uma proposta de formação permanente que visa desencadear junto à comunidade um posicionamento crítico prático em relação às necessidades e às contradições por ela vivenciadas e os encaminhamentos concretos para a busca da autonomia. (SILVA, 2007, p.13).

A professora Sônia sempre destacava que tudo que seria planejado por nós, teria que ser estratégias e atividades que a própria ONG, futuramente pudesse continuar, se concordarem, com nossas propostas. A Associação tinha que desenvolver uma autonomia para que quando a presença da UnB não pudesse estar mais ali, eles poderiam dar continuidade as ações.

Cada aluno da turma de Economia Solidária se familiarizava com um dos grupos formados e começaria então a planejar atividades. As demandas que surgiram e que foram divididos por grupos foram, o curso de cabeleireiro, curso de manicure, escolinha de futebol,

curso de artes, artes marciais (que depois sumiu), cozinha, biblioteca, brinquedoteca, EJA, oficina de material reciclável, oficina de pipa.

O grupo que me identifiquei no Projeto 3 foi o GT das artes marciais, nos juntamos e planejamos GT artes marciais não deu certo, mas não pela ausência dos alunos ou falta de planejamento, mas pela ausência dos professores responsáveis nas reuniões para planejar e discutir estratégias para o melhoramento do grupo.

Uma das estratégias propostas era o acompanhamento das notas e presenças das crianças na escola, só poderia participar das aulas de artes marciais os alunos que mantivessem boas notas e tivessem boa frequência na escola.

Muitos pais dos alunos não acompanhavam o desempenho dos seus filhos nas aulas da ONG e também o rendimento escolar das crianças, segundo o professor das Artes Marciais.

Pegamos os endereços das crianças das artes marciais e fomos atrás dos pais para participarem da reunião do GT. E acompanhar os estudos, frequência na escola, notas e suas dificuldades.

Rodamos pelas ruas próximas à ONG e batemos de porta em porta. Levamos muitas portas fechadas na cara, mas tudo fizemos para trazer os jovens para os estudos, melhorar as notas, acompanhar com os pais, etc.

Uma das dificuldades encontradas é a de se obter uma constante presença dos alunos na escola, principalmente, por problemas envolvendo família, filhos, drogas, carência de nutrição e outros; famílias que já possuem um histórico escolar com desenvolvimento e rendimento baixo e muitos não acompanham a vida escolar dos seus filhos; essas questões levam na maioria dos casos ao alto índice de evasão escolar e a repetência.

Outra estratégia pensada pelo grupo seria apresentação de palestras e filmes para as crianças e os jovens das artes marciais sobre atletas da área que seguiram esse caminho e se deram bem, e mostrar também aqueles atletas que seguiram o caminho das drogas e da violência e ver o rumo que tomou sua carreira.

O GT artes marciais não deu certo, mas não pela ausência dos alunos ou falta de planejamento, e sim pela ausência dos professores responsáveis pelas aulas de artes marciais nas reuniões, para planejar e discutir estratégias para o melhoramento do grupo. Então sem os

responsáveis não conseguimos dar andamento e desenvolver outras estratégias com os professores.

Ao longo desses nossos 3 semestres no Projeto, aprofundamos mais os nossos estudos sobre a economia solidária e educação popular, e podemos participar e ver na prática como funciona um trabalho com a Economia Solidária e Educação Popular, e podemos sair da realidade do plano piloto, e suas escolas, para ver a realidade e as dificuldades que a comunidade de Santa Maria enfrenta com suas crianças, com uso de drogas, doenças, desemprego, violência e outros.

O curso de Pedagogia será estruturado de maneira que propicie [...] ênfase na articulação da formação prático-teórica, propiciando situações reais e integradoras de aprendizagem (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2002, p.12).

Muitas pessoas da comunidade apareceram durante a nossa presença na AASM, podemos ouvir alguns depoimentos de pessoas que estão expostas à violência, muitas meninas jovens com filhos, algumas pessoas que por terem idade mais avançada estavam desacreditadas de que poderiam se alfabetizar e terminar os seus estudos e jovens envolvidos com drogas. Me lembro do relato de uma senhora que disse que lá ela viu que poderia aprender a ler e a escrever, pois ela já havia frequentando aulas da EJA e disseram a ela que ela não conseguiria aprender a ler e a escrever naquela idade.

Nós, como pedagogos, devemos estar atentos a todo tipo de situação na nossa prática e no nosso dia a dia, e ter um olhar especial em relação a isso, nunca desacreditando dos nossos alunos do seu potencial, sempre respeitando-os e valorizando-os.

Aceitar e respeitar as diferenças são uma dessas virtudes sem o que a escuta não se pode dar. Discrimina-se o menino ou menina pobre, a menina ou o menino negro, o menino índio, a menina rica; se discrimino a mulher, a camponesa, a operária, não posso evidentemente escutá-las e se não as escuto, não posso falar com eles, mas a eles, de cima para baixo. Sobretudo, me proíbo entendê-los. Se me sinto superior ao diferente, não importa quem seja, recuso-me escutá-lo ou escutá-la. O diferente não é o outro a merecer respeito é um isto ou aquilo, destacável ou desprezível. (FREIRE, 2002, p.136).

Discutimos as estratégias que seriam desenvolvidas na Associação, mas antes ouvimos a voz da presidente, dos participantes da comunidade, dos voluntários, dando voz à comunidade, destacando as suas demandas, para assim trabalharmos em cima delas.

Ao final do Projeto 3 propomos a realização de uma feira de troca, baseado nos princípios da Economia Solidária. Na teoria queríamos um espaço em que a comunidade trouxesse roupas, objetos, livros, acessórios, tudo aquilo que não precisasse mais e pudesse trocar por outros objetos que outras pessoas não usavam mais, e as comidas cada um levaria um prato e assim teria o direito a comer à vontade durante a feira, essas seriam as moedas de troca.

Não conseguimos realizar uma feira baseada na Economia Solidária, pois a participação da comunidade na programação das atividades da feira era imprescindível para estruturar e combinar como seria organizada a feira.

Como a comunidade não aparecia nos encontros não podemos esclarecer os princípios, da Economia Solidária, que estava baseada a feira e estipular uma moeda de troca.

No dia da feira quando chegamos ao local havia uma empresa de telefonia móvel, que patrocinava a ONG, fazendo parte da feira. Havia pipoca, algodão doce, pirulitos, cama elástica, pula-pula e outras atrações no local.

Como a empresa patrocinava a ONG, antes mesmo da UnB chegar à comunidade, não podíamos impor nenhuma regra no evento naquele momento.

No Projeto 4 muitos alunos da UnB saíram do projeto de Economia Solidária, mas muitos outros também entraram, entre eles alguns alunos do curso de contabilidade da Universidade de Brasília.

De início eles acharam que não teriam muita função em um projeto educativo como o de Economia Solidária, mas após aprofundar na teoria e ver na prática tudo o que já havia sido realizado, eles se motivaram a encontrar uma maneira de nos ajudar.

A turma propôs que eles ajudassem com a parte administrativa da Associação, para atrair alguns parceiros, fazendo um levantamento dos dados e custos, para divulgar o trabalho da Associação Atlética de Santa Maria.

No Projeto 3 havíamos percebido que os livros da Associação estavam mal cuidados, sem catalogação, empoeirados, mas não foi possível a criação de um GT que cuidasse da criação de uma biblioteca.

No semestre seguinte achamos fundamental a criação do Grupo da biblioteca, com a missão de inserir a comunidade na realidade em que vivem, e buscar através da leitura uma forma de contribuir com a formação das crianças e também dos jovens e adultos da comunidade.

Tínhamos a necessidade de criar um espaço que fosse um ambiente mais ideal para a construção da biblioteca.

Assim sentimos a necessidade da criação do GT da biblioteca para planejarmos atividades e desenvolver estratégias para cumprir com os objetivos da biblioteca. Nossas estratégias foram a catalogação e etiquetagem dos livros, uma campanha de doação de livros, colocamos caixas espalhadas pela UnB para a arrecadação.

Com a falta de recursos, usamos os recursos ao nosso alcance e a nossa mão de obra. Pregamos e pintamos caixotes de madeira que estavam quebrados, para utilizar como prateleira para os livros.

Colocamos luvas, algumas usaram máscaras, pois estavam doentes, mas mesmo assim todas nós limpamos os livros empoeirados e catalogamos com a faixa etária adequada.

Com a finalidade de desenvolver um contato da comunidade com a leitura criamos outras estratégias para a biblioteca: a criação de Oficinas para contação de Histórias e um cine clube, com a realização de momentos de passagem de filmes para as crianças, pois muitas não têm a oportunidade de ir ao cinema, com a finalidade de desenvolver um contato da comunidade com a leitura.

Outra ideia inicial era que as crianças levassem um livro que já haviam lido em casa e trocassem por outro da biblioteca, incentivando assim a leitura. Fizemos uma oficina de contação de histórias para as crianças, proporcionamos um ambiente lúdico, com vários livros abertos, tapete no chão, almofadas e lembrancinhas para atrair as crianças.

Para a minha prática eu pude trazer experiências e teorias aprendidas em outras disciplinas como Processos de Alfabetização, Língua Materna, Literatura em Educação, em que houve momentos de contato com o mundo da leitura infantil e com as crianças, em que

pude levar para minhas oficinas do GT da biblioteca, para desenvolver as estratégias necessárias às demandas observadas.

Durante o semestre ocorreram oficinas de criação de brinquedos, objetos de enfeite e acessórios, com materiais recicláveis, com o intuito de incentivar as pessoas, principalmente as mulheres da comunidade, a fazer em casa e poder ganhar uma renda extra, ou até mesmo aquelas que não possuem um trabalho e precisam cuidar da casa e dos seus filhos.

Coma minha passagem no projeto podemos perceber que em alguns momentos a comunidade é engajada nas atividades, mas em outros momentos não temos a participação. Para futuras pesquisas no campo do projeto de Economia Solidária. O que acontece com uma comunidade que se envolve em algumas propostas e em outras não, comprometendo algumas atividades e estratégias elaboradas?

No Projeto 3 e 4 de Economia Solidária a nossa proposta foi de planejar, executar as atividades propostas e sempre avaliar os nossos trabalhos na comunidade, visando sempre melhorar nossas ações, associando a nossa teoria à prática.

Ao final de todo semestre, o grupo fazia uma reunião para discutir aquilo que foi feito durante o projeto e cada um tinha a oportunidade de se colocar a respeito do seu desenvolvimento e participação na Associação. Discutíamos o que foi válido, o que não foi, o que precisa melhorar, para a continuação do projeto nos próximos semestres.

Com o trabalho na Associação percebe-se que a formação de profissionais da educação para contextos não escolares é uma demanda cada vez mais forte. “É acentuada a consciência atual da importância da atuação desses profissionais no âmbito das práticas socioculturais que envolvem processos pedagógicos não-formais e informais no plano coletivo e comunitário”. (LIBÂNEO, 2006).

Considerações finais

Com a análise do currículo do curso de Pedagogia notei a importância de conhecer as demandas e as necessidades dos alunos que entram no curso de Pedagogia. Para além daquele currículo visado principalmente para futuros docentes da educação infantil. Quantos alunos querem trabalhar em ONGs? Quantos querem seguir a carreira docente? E quantos querem ser pedagogos?

O estudo e a prática em Economia Solidária são de grande importância para a formação de futuros pedagogos que precisam desse contato com outras realidades, e que futuramente possam vir a trabalhar em comunidades que enfrentam grandes desafios e dificuldades, e é onde o papel do pedagogo com uma formação em Economia Solidária é de grande importância para a educação nas diferentes comunidades.

Com a minha passagem pela comunidade de Santa Maria pude perceber que não fomos apenas ajudar com o nosso conhecimento, percebi que houve sempre a troca e construção de conhecimentos com todas as pessoas envolvidas nesse processo, sejam os alunos da Universidade de Brasília, seja com a professora, mas principalmente com as experiências e conhecimentos de vida que os voluntários e os moradores de Santa Maria trouxeram para enriquecer o projeto.

A professora Sônia sempre destacou o princípio da Dádiva, “*dar receber e retribuir*”, na Economia Solidária, ninguém está em uma relação sem querer nada em troca, e para mim a troca mais importante que houve de ambos os lados foi a troca de conhecimentos.

A minha moeda de troca, e de todos os estudantes do projeto, foi o conhecimento. Não chegamos lá para aplicar aquilo que já sabemos e o que foi aprendido na teoria, fomos para planejar estratégias junto à comunidade, mas acabamos vivenciando na prática a solidariedade, a responsabilidade, a ética e as experiências de cada sujeito que aparecia na ONG e dava o seu depoimento.

É um projeto que deve fazer parte do currículo e da formação dos pedagogos, que tem a possibilidade de sair um pouco da realidade do plano piloto e conhecer outras realidades e demandas de outras comunidades.

O professor deve analisar o ambiente, as necessidades e desenvolver estratégias de acordo com as demandas dos seus alunos, ou de uma comunidade, etc. O professor precisa planejar estratégias e ter sempre estratégias extras.

O projeto é importante para a formação dos profissionais da educação, que poderão atuar não só em ambientes escolares mas em outros espaços não escolares.

A minha permanência nos projetos, desde o Projeto 3 fase 1 até o Projeto 4 fase 2, no projeto de Economia Solidária, me ajudou a desenvolver, como um fio condutor, o meu trabalho final de curso. Ele foi constituído desde o início do Projeto até o final do Projeto 4.

PARTE III

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

A Universidade de Brasília e o curso de Pedagogia me deram oportunidades e possibilidades de vivenciar experiências que levarei por toda minha trajetória, tanto profissional quanto de vida.

Os projetos me proporcionaram uma base de formação teórica e prática, com experiências em um ambiente não escolar, mas com práticas pedagógicas que foram de extrema importância para minha formação como pedagoga.

Apesar da pouca experiência em sala de aula pretendo inicialmente, após minha formação, ministrar aulas para as séries iniciais, pois acho importante essa experiência de dar aulas e poder colocar em prática tudo o que eu recebi de aprendizagem durante esses anos na Universidade.

Ainda penso na possibilidade de um futuro mestrado. Por ter trabalhado no IBGE e ter vivenciado essa experiência do concurso público, futuramente também pretendo conseguir passar em um concurso público e ter estabilidade financeira.

ANEXOS

Figura 1 – Primeiro encontro na escola em Santa Maria



Fonte: Arquivo da turma de Economia Solidária

Figura 2 – Revitalização do quadro negro (EJA)



Fonte: Arquivo da turma de Economia Solidária

Figura 3 - Mutirão



Fonte: Arquivo da turma de Economia Solidária

Figura 4 – Pintura dos caixotes de madeira



Fonte: Arquivo da turma de Economia Solidária

Figura 5 – Elaboração da Faixada com nome dos Parceiros



Fonte: Arquivo da turma de Economia Solidária

Figura 6 – Livros da Associação Atlética de Santa Maria



Fonte: Arquivo da turma de Economia Solidária

Figura 7 – Livros da Associação Atlética de Santa Maria



Fonte: Arquivo da turma de Economia Solidária

Figura 8- Grupo da biblioteca



Fonte: Arquivo da turma de Economia Solidária

Figura 9 – GT das artes marciais



Fonte: Arquivo da turma de Economia Solidária

Referências

Administração Regional de Santa Maria RA XIII, <<http://www.santamaria.df.gov.br/sobre-a-secretaria/conheca-nome-ra-ra-xix.html>>.

ASSOCIAÇÃO Atlética de Santa Maria. História. Disponível em:<<http://associacaoasm.blogspot.com.br/2011/05/historia.html>>

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

_____. Parecer CNE/CP nº 5/2005. Conselho Nacional de Educação. Assunto: Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia. Aprovado Em: 13/12/2005. Republicado no Diário Oficial da União de 15/5/2006.

_____. Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006. Conselho Nacional de Educação. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Diário Oficial da União, Brasília, 16 de maio de 2006, Seção 1, p. 11.

_____. Versão preliminar do Projeto Político Pedagógico da Faculdade de Educação. Março de 2012. Universidade de Brasília. Disponível em: <http://www.fe.unb.br>

BRZEZINSKI, Iria. Pedagogia, pedagogos e formação de professores: Busca e Movimento/ Iria Brzezinski. - Campinas, São Paulo: Papyrus, 1996. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

BRZEZINSKI, Iria. *Profissão Professor: identidade e profissionalização docente*. Brasília: Plano Editora, 2002.

FRANCO, Maria Amélia Santoro Franco; LIBÂNEO, José Carlos; PIMENTA, Garrido Pimenta. Elementos para a formulação de diretrizes curriculares para cursos de pedagogia. *Cadernos Pesquisa*, São Paulo, v.37, n.130, jan./abr. 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa-21ª Edição*- São Paulo. Editora Paz e Terra, 2002.

GADOTTI, Moacir *Economia solidária como práxis pedagógica / Moacir Gadotti*. -- São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009. -- (Educação popular)

LIBÂNEO, J. C.; PIMENTA, S. G. Formação do profissionais da educação: visão crítica e perspectivas de mudança. *Educação & Sociedade*, Campinas, v.20, n.68, p.239-77, 1999.

LIBÂNEO, José C. *Pedagogia e Pedagogos, pra quê?* São Paulo, Cortez, 1998. LIBÂNEO, 2000.

MINISTÉRIO do Trabalho e Emprego. *O que é Economia Solidária?* Disponível em:<http://www.mte.gov.br/ecosolidaria/ecosolidaria_oque.asp>

NÓVOA, A. (Coord.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

PIMENTA, S. G. (Org.) *Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas*. São Paulo: Cortez, 2002b.

SAVIANI, Dermeval. A Pedagogia no Brasil: História e teoria. São Paulo. Autores Associados, 2008.

SILVA, Antônio Fernando Gouvêa. A busca do tema gerador na práxis da educação popular / Antônio Fernando Gouvêa da Silva; organizadora: Ana Inês Souza. – Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

SILVA, Márcia Ângela da; BRZEZINSKI, Iria; FREITAS, Helena Costa L.; SILVA, Marcelo Soares Pereira da; PINO, Ivany Rodrigues. Diretrizes Curriculares do Curso de Pedagogia no Brasil: disputas de projetos no campo da formação do profissional da educação. Educação e Sociedade, Campinas, vol. 27, n. 96 - Especial, out. 2006, p. 819-842.

SINGER, Paul, 2005. A economia solidária como ato pedagógico. In: KRUPPA, Sonia M. Portella (org.). Economia solidária e educação de jovens e de adultos. Brasília: Inep/MEC, p. 15-20.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Faculdade de Educação. Projeto Acadêmico do Curso de Pedagogia. Brasília, 2002.